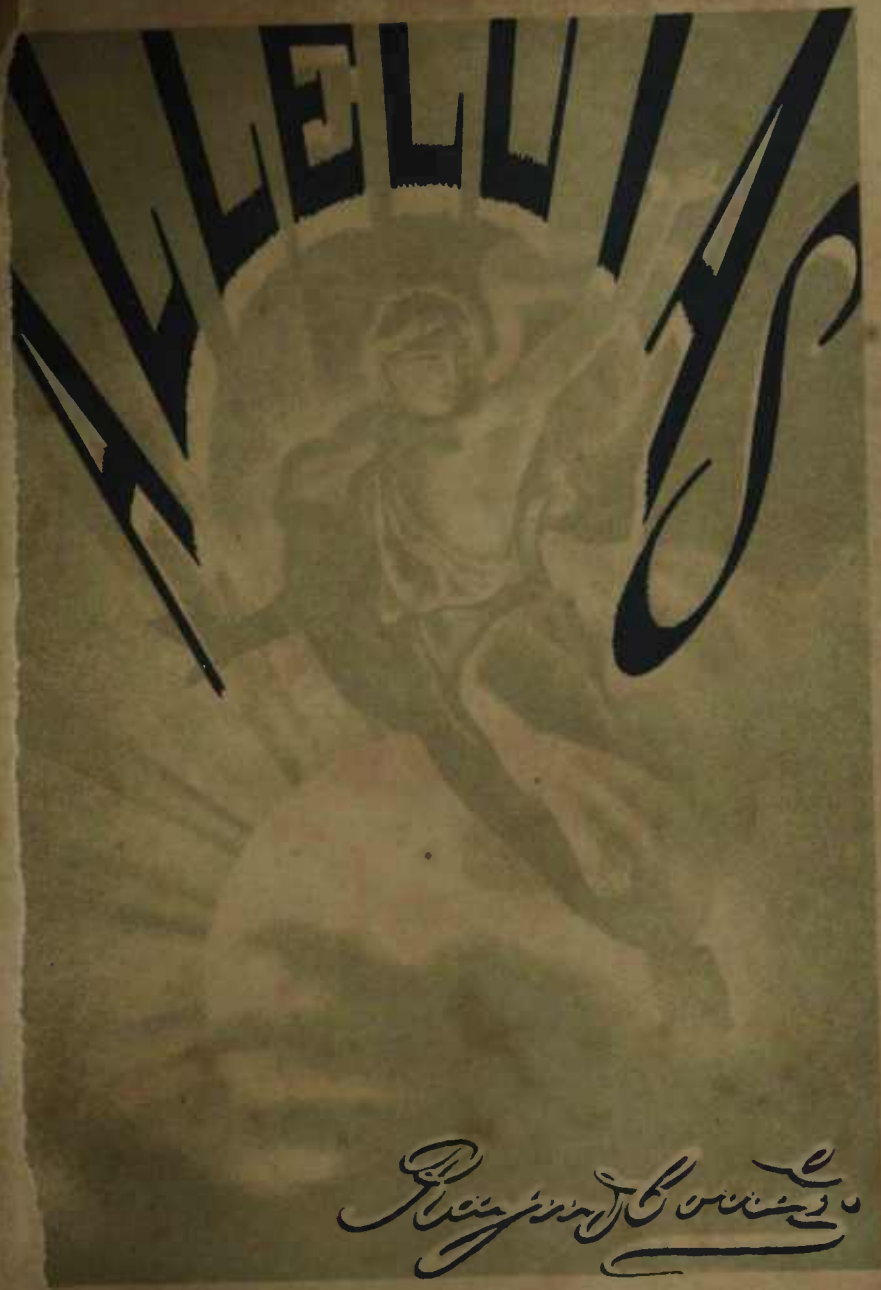




ENCADERNAÇÃO
VALLELE
JOSÉ LINO
MARTINS & C^ª
R. do ARMÓ63
TEL. 2324
RIO



رسالة من كرام الله

ALLELUIAS

A COMPANHIA EDITORA FLUMINENSE com a presente edição das *Alleluias*, poesias de Raymundo Corrêa — começa a cumprir o disposto no art. 6º de seus estatutos.

Tem em execução a publicação das *Questões de Limites com a Republica Argentina, Goyanas Francesa e Inglesa*, trabalho do Sr. Conselheiro Azambuja ; assim como está combinada a publicação de dous volumes de Lucio de Mendonça.

A affluencia de trabalhos commerciaes e o preparo das officinas demoraram o começo das edições, que com a publicação das *Alleluias* ficam inauguradas.

A COMPANHIA, tendo se esforçado no trabalho typographico, procurou corresponder ao valor litterario do autor, e sente-se satisfeita com a certeza de ter, ao menos pelo valor real da obra editada, inaugurado com felicidade a Secção Editora.

A DIRECTORIA.

A MEU AMIGO

Agostino Celso Junior

CARTA-PREFACIO

MEU CARO RAYMUNDO

Accedendo ao teu gentilissimo convite, tomei hontem da penna para escrever o prefacio do magnifico livro que vais publicar.

Mas occorreram-me algumas reflexões que venho submeter ao teu criterio.

Prefacios alheios, mórmente em volume de versos; ninguem os admitte hoje em dia, salvo quando ao autor d'elles assiste celebridade que os imponha.

Sem falsa modestia :—não é o meo caso .

Teu nome rutila incontestavelmente nas letras patrias e de futuro ainda mais rutilará.

Certa notoriedade do meu provém apenas de successos politicos, e nem a todos é elle sympathico.

Nada significaria para o publico e para os litteratos vê-lo estampado, abaixo de algumas linhas de prosa frouxa, no começo das esplendidas — *Alleluias*.

Seria mesmo; acredita, uma desafinação em tão perfeito conjuncto de harmonias.

Se os papeis estivessem invertidos, então sim; isto é, a Raymundo Corrêa caberia muito devidamente prefaciar um trabalho de Affonso Celso, caso resurgissem velleidades litterarias n'este.

Porém ser o segundo quem o faça ao primeiro? !... Com que titulo, com que direito, senão os que a tua bondosa amisade lhe emprestasse?..

O logar que conquistaste nas letras já não te permite, meu caro amigo, originalidades injustificaveis. Não pequenas são-te as responsabilidades para com os teus apreciadores, que admira não constituirem unanimidade no Brazil e no Portugal entendidos em arte.

As tuas estrophes. Para exprimir quanto ellas me enlevam e enthusiasmam ser-me-hia preciso uma serie de circumstancias, infelizmente de assás difficil realisação.

Fôra mister que volvessemos atraz uns tantos annos e que, em logar do meu nome, com o qual aliás vivo satisfeito, eu me assignasse — D. Affonso d'Éste.

Ainda mais: — que, em vez de andar ás voltas com os provarás, eu fôsse o duque reinante de Ferrara.

Para que?! hão de indagar suspeitosos demagógos.

Simplemente para cingir-te a frente, como a Torquato Tasso o dito Affonso, de uma corôa trançada pelas mais bellas fidalgas da minha côrte.

E não te inflingiria depois os rigorosos tractos que maculam a memoria do meu homonymo.

Seria capaz até de fechar os olhos sobre tua audaciosa paixão por minha irman — a formosa princeza Eleonora.

Mas a minha introducção ás *Alleluias*, francamente, não ficaria bem.

Agradeço-te penhoradissimo a distincção que me fizeste, prova da tua leal estima que me honra. Desvanço-me de a saber retribuir. Dispensa-me da tarefa, sem m'ò lebares a mal.

Aperta-te a mão, com affecto cordialissimo, o teu

Velho e sincero amigo.

AFFONSO CELSO.

Rio, 14 de Outubro de 1891.

PRIMEIRA PARTE

A

Lucio de Mendonça



Viver! Eu sei, que a alma chora
E a vida é só dor ingrata,
Pranto, que a não allivia,
Olhos, que o estão a verter.
Soffra o coração, embora!
Soffra! Mas viva! Mas bata
Cheio, ao menos, da alegria
De viver, de viver!



Homem, embora exasperado brades,
Aos céus (bradas em vão e te exasperas)
Ascendo, arroubo-me ás immensidades,
Onde estruge a alleluia das espheras. . .

Cá baixo, o que ha? : traições e iniquidades;
As tramas, que urdes, e os punhaes; que acéras ;
As feras — nos sertões — e —nas cidades —
Tu, homem, tu, inda peior que as feras !

Cá baixo : a Hypocrisia, o Odio sanhudo
E o vicio com tentaculos de polvo.
Lá cima : os céus... Dos céus o olhar não desço.

Homem, bicho da terra, hediondo é tudo
O que eu conheço aqui ; eis porque volvo
O olhar, assim, para o que não conheço !



NIRVANA

Ao Barão de Paranapiacaba

Nirvana um dia a enorme e desmedida guela
Escancarou na sombra; e eis a engolhar-se nella
Tudo que então vivia é o que viveu após...
Como um mar que, emboccando impetuoso a foz
De um rio, de roldão arrasta nesse impulso
Tudo que encerra á flôr e no amago convulso:
Cetaceos, cabedães submersos, escarcéus
De espuma, grandes náus, selvas de mastaréus
E quilhas... assim tudo o atro golphão devora.
Monstros phenomenaes cuja ossada apavora ;

Abortos da saturnea idade ; collossaes
Destroços de Heracléa, acropoles reaes ;
Cidades que os volcões inda em cinzas sepultam ;
Massiças construcções, que a tempestade insultam ;
A Pyramide, a saxeia Esphinge, o Mausoleu,
Monumentos que, outr'ora, o esforço humano ergueu
Para invadir o Olympo e eternisar a gloria ;
Mortas populações de que é sepulchro a Historia ;
Semi-deuses, heróes, thronos, religiões . . .
Passa tudo e se esvae . . . Seculos, estações,
Escoam . . . Tropicaes caniculas fulgindo
Vão-se ; hiversos, chorando, e primaveras, rindo . . .
Tudo em vortices vae passando, sem cessar,
Para no grande Nada hiante se atufar
Porém, como o Passado e o Presente, o Futuro
Ha de vêr sempre aberto o sorvedouro eseuo ;
Ruja a Guerra, ou floresça a oliveira da Paz !
Tudo elle engole, tudo, e nada o satisfaz !
Beba de um sorvo o oceano inteiro ; e, nas entranhas,
Sotoponha depois montanhas a montanhas !
Entulharam-lhe o bojo amplo e descommunal ?
Eil-o afinal saciado ? Eil-o farto, afinal ?
Não ! E' como o tonnel das Danaides, sem fundo,
Esse medonho cháos voraginoso ! O mundo,
Mole immensa, partindò o eixo em que roda, em vão
Nelle descambará ; não o sacia, não !

Florestas, areaes e ilhas, num só momento
Absorve; e eil-o inda ao vacuo uivando famulento.
Que resta mais, emfim, para o seu ventre encher?
Resta o infinito além, vivo, a resplandecer.
Pois bem. Que o desmantéle horrivel cataclysmo!
Rolem constellações; e encha o insondado abysmo
Esse outro, onde mil sóes palpitam triumphaes!
Nada mais resta...

E o Nada inda appetece mais!



PSYCHÉ

Seu labio, a tua sede e intenso ardor,
Como a frescura de uma fonte, acalma ;
Venceste-a, amante ; e da victoria a palma
Colheste, em beijos, no seu labio em flôr.

Deu-te noites ideaes, sob o esplendor
De um céu de nupcias — tenda azul, tão calma,
Fundu, mystica e excelsa... E deu-te (O' alma,
Que mais desejas ? !) todo o seu amor !

Elle, o amor, na progenie perpetúa
Essa, em que te incendeias, sacra flamma,
— Bafo immortal dos deuses immortaes.

E essa immortalidade é tua, é tua !
E essa immortalidade, elle a proclama
Em ti ! O' alma, que desejas mais ? !



IMAGEM DA DOR

Pôde o pincel de um genio á soberana
Palheta te extrahir; e de tal arte
Que, imaginando a eterna dor humana,
Quiz, para allivio della, imaginar-te.

E toda a humana dor em ti se sente !
Perpetuamente acorrentada á dor,
Has de chorar, has de perpetuamente
Gemer, na tela do immortal pintor !

E eu sinto,— ao vêr-te os olhos, que illumina
Grossa lagryma ardente, como um astro,
E a ti, mais triste que a infeliz Malvina,
Mais infeliz que a triste Ignez de Castro —

Sinto-te a alma anhelante á luz diffusa
Nos céus, abrir as azas e escapar
Desse carcere estreito, onde reclusa
Soffre, para voar, para voar

E ir pelo azul a fóra, livre... E scismo,
Como um crente, na paz religiosa,
Beatifica paz do mysticismo,
Que só alem dos tumulos se gosa...

A paz, que, em vão, buscamos sobre a terra,
Nos céus sorri; e a mesma feral mão,
Que, para sempre, as palpebras nos cerra,
Nos anniquila a dor no coração !

Se, pois, a terra para as maguas tuas
Consolações não tem, hão de os céus tel-as ;

Volve os olhos aos céus, volve essas duas
Lacrymosas estrellas ás estrellas...

Parte os fuzis das barbaras cadeias,
Que á dor te ligam ! Parte-os, afinal,
E morre !... Ai ! nunca ! A morte em vão anceias,
Porque o teu creador fez-te immortal !



VANA

Baixa a mim, alma angelica e impolluta!
Traz a meu ermo o sol da primavera,
A agua que o labio secco refrigera,
A urna de aroma e orvalho, e a flôr, e a fruta...

Troca a cerulea, constellada esphera,
Pela, em que habito, solitaria gruta!
Tomba em meu seio! Eil-o a bater... Escuta
O coração ancioso, que te espera!

Vem, mas tal qual, em seu delirio insano,
A alma te sonha, te deseja e sente;
Mulher, não : ser divino e sobrehumano !

Porém, se acaso assim não és, detem-te!
Não venhas ! Deixa-a, nesse doce engano !
Deixa-a a esperár-te em vão, eternamente.



HARMONIAS DE UMA NOITE DE VERÃO

A Arthur Azevedo

A NOITE, *a cahir*

Poeta ! Ao longe entre as sangrentas pompas
Do crepusculo tomba o sol. Das flores
Exhala-se a alma em tepidos vapores...
Ouve-se além um sino, soam trompas
De caça, latem cães... Esta sublime
Tristeza funda, indefinita e vaga,
 Que o coração te esmaga,
Todos a sentem, mas ninguem a exprime !

Ninguém, poeta, exprime esta saudade,
 Que o ambiente satura
 E a terra e os céus domina ;
Esta, de fél mesclada e de doçura,
Melancolia augusta e vespertina,
Que, com a sombra, avulta, cresce, invade
E enchê de lucto a natureza inteira...
Esse outro bardo, o sabiá, não trina
Nos galhos da cheirosa lorangeira ;
E, ao silencio e ao torpor cedendo, cerra
O diã os olhos no Occidente absortos ;
 E fuma um negro incenso,
 Que envolve toda a Terra
— Sepultura commum, tumulo immenso,
 Dos vivos e dos mortos...
E eu do throno das nevoas, do cimmério
Solio de ebano, aos pés do qual, na altura,
Toda essa poeira cosmica fulgura,
Vou já descendo ; e, aos poucos, lentamente,
 Arrasto, desdobrada
 Sobre este amplo hemispherio,
A minha solta chlamyde tammanha,
Negra, como o remorso, e a que sómente,
Da lua crescentigera e chanfrada
A ponta da unha luminosa arranha...

O POETA

Em vão de trevas todo o espaço inundas !
Povôam-no luciferos insectos ;
São terrestres estrellas vagabundas ;
São pequeninas lampadas errantes ;
São de um rôto collar de fogo, iriantes
A'scuas soltas ; são vívidos e inquietos
 Carbunculos alados ;
São accesas saphiras ; são diamantes
Da grinalda dos sóes desengastados...
 Basta á minha pupilla
O fanal dessas almas luminosas ;
E eu, nas tuas entranhas tenebrosas,
Como uma sonda, os olhos aprofundo,
 — O' tetrica e tranquillã
Noite !— e sinto em cada atomo invisivel
Latejar novo, ardente e occulto mundo ;
 E o idioma confuso,
O hymno sem echo, o hosanna intraduzivel
Do ser, o mais rudimentar, traduzo.
Neste de trevas pavoroso oceano,
 Onde o espirito immerso,
Se debate arquejante, escuto, ancioso,
Toda a orchestra das vozes do Universo ;
Desde as dos astros musicas supernas,
Até o psalmo obscuro e mysterioso,

Que escapa, como um monstro diluviano,
Pela estúpida bocca das cavernas...

A NOITE

Entre as paredes lóbregas e frias
Do meu carcere bronzeo e negro — furna
De lividos espectros povoada
E pesadelos e visões sombrias —
 Tua alma enferma e taciturna
 Jaz encerrada.
 Em vão anceias, desta escura
Masmorra, anceias, neste instante, em vão,
Vêr a massiça abobada arrombada
 Por um trovão ;
 Em vão anceias, nesta funda
Lapa, vêr, como a luz da redempção,
Brilhar o fulvo e esplendido montante
De um relampago enorme e rutilante,
Que te illumine as trevas da loucura,
 Onde vasqueja, moribunda,
 Tua razão !

O POETA

Em vão sobre mim te elevas
E a luz da razão me espancas,
O' noite !— e minha alma trancas
Neste tumulto de trevas !

Neste tumulto, onde jaz
Meu espirito indeciso,
Brilha ás vezes um sorriso,
Treme um lampejo fugaz ;

E então, do teu antro horrendo
Vão-se os monstros, que produces ;
Vão-se, uma por umá, as luzes
Da phantasia accendendo ;

E, ás intensas vibrações
Do sol, todo embandeirado,
Fulge, resplende o encantado
Palacio das illusões...

Mas dura tudo um momento ;
De novo em trevas me abysmas,
O' noite ! e em mais fundas scismas
Recae o meu pensamento.

Vão-se a esperança e o sorrir,
— Vagas deste mar infindo,
Praias de ouro descobrindo,
Que tornam logo a cobrir...

Assim sobre as cinzas corre
Um sopro, e, ephemeramente,
Faisca a braza latente,
Arde, arqueja e, afinal, morre...

UMA BRISA DA NOITE

Se a tua frente a febre escalda,
Vêm refrescal-a minhas azas. Estas
Azas as mesmas são, com que, as florestas
Atravessando, tremula de amor,
Despertar, em seu ninho de esmeralda,
 As flores vou, distribuindo
 Um doce beijo a cada flor.
 Com estas azas o ar ferindo,
 O ar silencioso, rasgo nõ ar
 Uma torrente perfumada,
Onde bilhões de insectos, phosphoreando,
As tenuês azas de ouro vêm lavar...
E' meu sopro, que, nuncio da alvorada,
Vem refrescar teu cerebro incendiado,
Brando e subtil, como é subtil e brando
O anhelito de um anjo adormecido.

O POETA

Intangivel ideal ! Cruel desejo
Insaciavel ! Essa, que além vejo,
 Illusão fugitiva,
Brilha tão longe, tão além, que apenas
O olhar a attinge, e muito mal a attinge ;
— Ave encantada, cujas ricas pennas,

Cujas tremulas azas, em cambiantes,
De uma longinqua aurora, a intensa e viva
Luz irisada, acatasola e tinge
 De cores flammejantes...
 Desejo insaciavel!
 Inaccessivel sonho!
Julgo alcançal-a muitas vezes... Trago-a
Presna na mão; exulto a rir; supponho
Já possuil-a; apalpo-a... e eil-a, que vôa,
E me escapa e me foge... Eil-a impalpavel!
 E' como o fluido, ou a agua,
Por entre os dedos, que a retêm, se escôa...

UMA ILLUSÃO

Alma jámais contente! Alma de poeta!
Atraz da pluma furtacor, da inquieta
Aza de uma illusão, eis-te a voar...
Estranhos climas e regiões estranhas
Atravessas com ella, afoutamente;
Desces aos valles, sobes ás montanhas
E affrontas todos os tumultos do ar...
Alma de poeta! Alma jámais contente!
Se ella suspende o vôo, o vôo suspendes;
Abre ella as velas, e eis-te a todo o panno,
 Eis-te a subir com ella,
Tão alto... Abaixo a referver o oceano
 Serras d'agua encapella...

E sobes mais... com ella ao ninho ascendes
Das estrellas. No sol a fronte abraças,
Como o condor. Nas nuvens e nos ventos
Bates as duras e possantes azas,
Rompendo o bojo dos bulcões violentos...
Por onde, em summa, ella, inconstante e varia,
Passou, tu sempre, ousada e temeraria,
 Seu rastro ardente segues ;
Mas, quando exhausta cáes, ella é já tua...
Pertence-te, apanhaste-a, é tua...

Embora !

Já do encanto, que tinha, a vês tão nua !
Já, de perto, parece diferente
Da que vias de longe, essa illusão !
Trás della ias ancioso ; e, alfim, consegues
Tel-a presa na mão... Mas eis, que agora
Já te aborreces, quando a tens na mão !
Alma de poeta ! Alma jámais contente !
Em vão luctaste, combaleste em vão !

O POETA

Cada illusão é como uma esperança
De um bem, que tarde e que, afinal, se alcança,
De um bem, que, um dia, ha de afinal chegar ;
Emquanto este não chega e dura aquella,
 Gósa-se mais com ella,
Do que depois, co' o bem, se ha de gosar.

A ESPERANÇA

Vem a meus braços, vem ! Já, sobre o berço de ouro
De teus sonhos, soltar o perfumado, louro
E fulgido lençol de meus cabellos vim ;
Crava os olhos nos meus ! Que horizontes sem fim
Nelles descobrirás ! Que abobada infinita,
Onde, plena e perpetua, a Primavera habita !
Que céu de nuvens limpo e amplo, de norte a sul,
Eternamente bello, eternamente azul !

UMA ESTRELLA FUNESTA

Mente a Esperança ! Mente a dadivá illusoria
Do Futuro ! A radiante apparição da Gloria
Mente ! Empós desta, em vão, peregrinando vaes
A agra região da dor ! Longe é o alto ! Jamais
Da Gloria estrepitante a onda espumosa e brava
Virá rojar-te aos pés—branca e submissa escrava ;
Para o diadema real, que sonhas, não produz
Diamantes Bisnagár, nem perolas Ormuz.
Cingirás de irrisão e opprobrio uma corôa.
Tens acaso um amigo ? O amigo te atraiçôa.
mulher culto dás ? Desdenha-te a mulher.
Não te será fiel teu proprio cão, sequer.
Bates de porta em porta, e vaes de tenda em tenda,
Em vão ! Nunca acharás uma alma, que te entenda !

Com quem teu negro pão compartas ! que na dor
Seja a tua consocia ! Uma só nivea flor,
Entre as pedras, jamais, brota do teu caminho...
E, andrajos arrastando, irás, rôto e mesquinho,
Pela escura existencia afóra, sem ninguem,
Mudo e fictos no chão os olhos, como quem
Já descrente, afinal, na terra só procura
Um lugar, que lhe seja, ao menos, sepultura ;
Miserio e vil, chegando até a receiar
Que isso mesmo, tambem, lhe possa ella negar!...

UMA ALMA COMPASSIVA

Poeta ! Eu te resêrvo, alma que anceia e soffre,
A mais rara e melhor das joias d'õ meu cofre ;
Crystallisou-a a dor, e o seu vivaz clarão
Enche, como uma aurora, a tua escuridão ;
Brilha mais do que um astro e mais do que um diamante.
Vou choral-a em teu seio ardente e palpitante ;
Recebe-a ; sinto-a já, tremula a reluzir :
Subiu do coração, dos olhos vae cahir...



A SELVA DO LEÃO

A Alberto Silva

Sobre estes robles inda paira a imagem
Da morte; aqui tombaram, cento e cento,
Pilhas de heroes, e o fulvo Leão cruento
Rugiu ébrio de sangue e de carnagem;

Inda se sente a fervida bafagem
Da peleja, e inda o lugubre lamento
Se ouve dos mortos, no ulular do vento,
Que nos troncos soluça, e na ramagem...

Quedam no eterno somno tenebroso
Aqui, onde da abobada infinita;
A aguia fixou outr'ora o olhar medroso;

Mas sua alma inda aqui brava se agita,
E é seu valente coração, que, ancioso,
Na raiz destas arvores palpita;



MEDITAÇÕES

A Moraes Silva

I

O alegre repicar de um sino ; as cores
E as fitas festivas do baptisado ;
O olhar aberto a um prisma, e derramado
Pelo vergel — amplo cabaz de flores...
E a espairecer no azul, como a esperança,
A aza da borboleta, que scintilla
Toda iriada ao sol ; e, a perseguil-a,
Fragil mãosinha no ar..

Feliz criança !

II

Segue-se o eterno idyllio : maliciosos
Ademães e um quebrar de olhos, risonho,
Prendendo-o... E, após, o deslizar de um sonho :
—Saudações paranympficas, ruidosos
Festins, galas e luz ; e, pouco a pouco,
O archanjo ideal, que emerge do pudico
E avaro véu ; e, entre cortinas, rico
Thalamo a estremecer...

Mancebo louco !

III

Mas desse altar thuricremo esvahida
Toda a nuvem de incenso é já...

Mais tarde,

O meio-dia da existencia é que arde,
Esplendido, e o combate pela vida ;

O fragoroso ocean, em cujas plagas,
Rôtas em uivos e lamentos, trôam
E, das paixões no embate, se abalrôam,
Despedaçando-se, as humanas vagas...

A ebulição social: miseria e glorias,
Bulhando, em turbilhões de lama e de ouro,
Como, no lodo, ou no ar, o fervedouro
Dos vibrões, das vidas infusorias...

Vasta fermentação, que toda a terra,
Desde a medulla até á crosta, agita ;
Do ser mais alto ao infimo, palpita
A vida— estado natural de guerra!

Guerra de instinctos, carniceira e bruta !
E, em qualquer ponto da terraquea esphera,
Onde a familia humana se agglomera
Se reproduz, sem tregua, a mesma lucta !

Lucta antiga e bestial, que (embora á sua
Condição primitiva hoje arrancado)
O homem renova ; e, em cada vario estado,
Perpetuando a especie, perpetúa !...

Lucta ; e vê, sob o jugo atroz da sorte,
Que é forçoso matar, para que viva ;
Pois sempre, aos pés de inexoravel Siva,
O fraco é devorado pelo forte!

Forçoso é que o oppressor jamais se torça
A' justiça e aos clamores do opprimido;
Quem faz o vencedor, quem o vencido
Faz, és tu sempre, ó lei vital da Força!

De ti, Pallas irrompe, armada; e aos bravos
E's tu quem cerca d'essa côrte hedionda;
—Côro de imprecações e de ais, que estronda...
Tinir de algemas de milhões de escravos...:

Por ti, o homem cruento, nas renhidas
Pugnas, que accende o seu furor eterno,
Desembainha, á luz de um sol fraterno,
O aço de mil espadas fratricidas;

Cobre a bombardarda o céu commum de espessas
Nuvens de enxofre; a catapulta range;
Brotam rubros caudaes de cada alfange,
Cérceos, cortando braços e cabeças...

De intrepidos varões tinge as ilhargas
A purpura da guerra flammejante;
E, sobre o humano açougue, crocitante,
Abre o sinistro corvo as azas largas...

—Cesar, que vence, ou Attila, que assola —
O forte é quem conduz por toda a parte
Teu verbo atroador; e esse estandarte,
Vermelho e ébrio de fumo, desenrola...

E é teu gladio mortifero, que gyra
No ar, em torno a estender rubra hecatombe;
Qual foge ; qual resistê, até que tombe;
Qual tomba ; qual, mordendo o solo, expira...

Deixam-se uns esmagar ; outros resvalam
No chão, beijando as plantas, que os sopeiam...
E nunca, em pulsos, que os grilhões roxeiam,
Os teus grilhões estridulos estalam !

Lei cruel ! Dura lei ! Quem, sobrehumano,
Teus artigos de ferro e fogo infringe ? !
Carpem-se, em vão, na tua garra, sphynge,
A orphandade e a Viuvez !... Jugo tyranno !

Sobre os homens de mais pésa esse jugo !
Na Libya inhospita, entre feras, ha de
Havér, por certo, mais fraternidade...
A féra é — carniçal, o homem — verdugo !

Succede, a um despotismo antigo, um novo
Despotismo, e em teu aço crú se espelha ;
E's a rasão do lobo contra a ovelha,
E's a rasão de um rei contra o seu povo.

Porque se bate um povo, arca por arca,
Se ha de soffrer, no fim do arduo litigio,
Em prol de um regio estemma, ou gorro phrygio,
O bastão de um caudilho, ou de um monarcha?!

Em vão ostentam as legiões sagradas
A insignia da egualdade nas bandeiras;
E estas em vão radiam, sobranceiras
Como falcões, aos ventos desfraldadas...

Em vão te arrojás, povo, em mós immensas,
No estridor das batalhas sanguinario...
Bemdicto o pó da arena egalitario !
Antes morras beijando-o, do que venças !

Glorias, timbres... Que fructos colhe a raça
Abjecta de mastins, a que pertences ?
Bates-te em vão ! Se, porventura, vences,
Colhe-os o rei, que vae contigo á caça !

Elle te leva á trélla ; e, na partilha,
Deixar-lhe os tres quinhões primeiros deves,
Mas a tocar no quarto nem te atreves...
Elle é— o caçador; tu — a matilha.

O rei, na paz, a um ocio torpe e ignavo
Volve; mas tu, a um labutar mais rudo.
Tu, povo, em cujo nome se faz tudo,
Has de ser sempre o mesmo vil escravo!

Quando os corpos na liça apodrecidos,
O ar infectando de lethaes vapores,
Negro contagio, sobre os vencedores,
Sopram, como a vingança dos vencidos,

E a falcifera Peste assombra, fere,
Prostra e os campos sem luz de mortos junca;
Entre as choupanas e os palacios, nunca
Ella os palacios visitar prefere.

A Peste e a Fome— pompa atroz da Guerra!
Para o ilota, que a lavra, noite e dia,
Nem um fructo, ou raiz, ou bulbo cria
No bruno seio empedernido a terra!

Valente raça obscura de Spartacus,
Um rei, como em cadaveres o abutre,
Em tua escravidão se ceva e nutre,
E faz de ti uma nação de fracos!

Força! E inda és tu, que injusto cunho imprimes
A este mundano choque de interesses;
A esta vegetação de almas refeces
E negras — brenhas de traições e crimes!

Almas?— Assim o orgulho humano chama
A taes fócios de instinctos vis! Devora
O tigre a prêa; o tigre é forte, e, embora
Iniqualmente, a sociedade o acclama!

Reproduzem-se aqui as mesmas scenas
Da barbara tragedia, prisca e infinda;
Aqui, porém, com mór baixeza ainda!
Sociedade de lobos e de hyenas!

Seduzem-n'ó tambem da gloria os brilhos;
E a sacra fome de ouro — egoismo immundo —
Dá-lhe unhas de milhafre para o mundo,
Bico de pelicano para os filhos.

E o gladio a erguer, que arrasa e que depreda,
E o olhar, que ante a ignominia não desmaia,
Lucta! E é forçoso que a lutar não caia,
Pois se cahir o esmagarão na quéda.

Depois... é tudo pranto e dôr na incerta
Rota de sangue, que seguindo veio:
Uma lança partida em cada seio,
Em cada seio uma ferida aberta...

E em cada seio vê, combusto e infando,
— Brazeiro que do inferno um sopro atiza —
A inveja, a hypocrisia, o odio, a cubiça,
Mordendo-se, estorcendo-se, estourando...

A sociedade ao seu golphão o arrasta,
E elle de perto a vê: — proterva e estulta,
A Themis vende, á Castidade insulta,
E é dos iniquos—mãe, dos bons— madrasta;

Eleva a dogma o preconceito futil,
—Lucivéu da razão, que a ennoita e cega—;
E ao rabbi simples, que a egualdade prega,
Rasga e enlameia a tunica inconsutil;

Calca a Virtude; e, em seus ovantes carros,
O Vicio triumphal expõe... Tudo isto
Vê derredor fervendo—estranho mixto
De vasa e estrellas, perolas e escarros...

Mixto de pompas e farraparias,
Purpura e andrajos, n'um contraste injusto,
Desde Suburra ao Capitolio augusto,
E desde o Pantheon ás Gemonias...

Junctos do solio e da opulencia opima,
Mil parias disputando aos cães um ossó;
Por toda a parte, um pé sobre o pescoço
De um ser mais fraco, sempre, abaixo e acima!

De cima abaixo lavra, sem remedio,
A lepra, a corrupção!... E' elle já sente
A florescer, grassando-o intimamente,
Desse pantano á beira, um fundo tedio,

Esgalracho tenaz, cujas raizes
O minam todo!

E eis já, cruel desgosto!
Espelhadas, nas rugas de seu rosto,
De sua alma ferida as cicatrizes!

As tempestades, que por elle passam,
As illusões mais pulchras lhe afugentam;
Seu cingulo de auroras arrebetam;
Sua c'roa de estrellas despedaçam.

Já, a um passado não remoto, os olhos
Tristes voltando vae... Assim, tremendo,
Contempla escapo naufrago o estupendo
Rôlo do mar, que ferve entre os escolhos,

E, em fról quebrando, a espumea rêde alarga
Por dilatado areal... O' Gloria! Em summa,
Que és mais, que pó, vapor, fumaça e espuma?
O' sciencia do viver, comê és amarga!

Emigra o riso — esse hóspede constante
Da sua bocca — como o passarinho,
Que, abandonando o profanado ninho,
Vae fazer outro ninho mais distante...

Teu fructo, ó sciencia, é que enche essa amargosa
Sceptica bocca! E pende-lhe do labio,
Como do de Carnéades, o sabio,
Crúa, typica préga desdenhosa!

Cerrado o peito, outr'ora, aberto e franco,
Um dia, entre os cabellos, vê, com magua,
Um branco fio... E os olhos lhe enche de agua
Aquelle fio de cabello branco!...

IV

Eil-o hoje, enfim, ao toque das trindades,
A benzer-se e a chorar, de cans coberto.
São remorsos? Talvez. Mas são de certo,
De certo são, tambem, mortaes saudades...

Dubias, errantes sombras vespertinas,
Preságios máus, de que sua alma é cheia,
Melancolisam tudo que o rodeia...
— Crepusculo a pairar sobre as ruinas!

E a noite e o inverno vêm! Aquella, em breve,
Do sol apaga e esfria a ultima lava;
E este, nos flancos da montanha, crava
A fina espada rigida da neve!

O inverno e a noite vêm! Tristonho e mudo,
Do ermo tugurio eil-o sentado á porta ;
Seus filhos mortos são, e a esposa é morta...
Pobre velhinho ! Como passa tudo !

Nem uma folha, uma corolla, um ninho,
Nos bosques ! Nem nos céus uma só aza !
E as andorinhas a mudar de casa...
E elle tão só ! tão só !...

Pobre velhinho !



LUBRICUS ANGUIS

Quando a mulher perdeu a deleitosa
Paz e os jardins da habitação primeva,
Chata a cabeça inda não tinha—a seva
Serpente, que a seus pés silva raivosa ;

Mas a lingua trisulca, que, na treva,
Fallaz vibra, é a mesma venenosa
Lingua, que, á luz purissima e radiosa
Do Paraiso, outr'ora, enganou Eva...

Bemdicta a planta da Mulher, que a esmaga !
Bemdicta ! A este vil monstro, de ora avante,
Ninguem mais, sobre a terra, desconheça !

E elle a marca indelevel sempre traga
Do rijo calcanhar firme e possante,
Que lhe achatou, impávido, a cabeça !



DESILLUDIDO

A Luiz de Andrade

Tantos livros calcando aos pés, de tanto estudo
Ao inutil afan hei de pôr termo, emfim;
E, abandonando a sciencia e abandonando tudo,
Voltar um dia ao berço obscuro d'onde vim.

Serei então como esse ousado navegante
Que a volta ao globo dar, primeiro, conseguiu ;
E, annos muitos após, logrou vêr, soluçante,
As longes plagas d'onde, afouto, se partiu.

E, terminada assim a minha lida insana,
Hei de afinal revêr, cansado e velho já,
Essa aldeia feliz, onde a humilde cabana
Que na infancia habitei, ao desamparo está;

Onde, na vasta paz dos campos, a seara
Fulva e madura esplende; e, espadanaada ao sol,
Rola e espuma cantando a agua batida e clara;
E, no balseiro em flôr, suspira o rouxinol...

E tentarei colher as illusões formosas,
Que hoje vou desparzindo á procella, ao tufão,
E que, naquelles céus e climas d'ouro e rosas,
Aves tontas de luz, batendo as azas vão...

Mas verei, com pezar e com remorso infindo,
Esquecidos de mim os sitios que esqueci ;
E uma voz ouvirei, das arvores sahindo :
— «Quem és tu? D'onde vens? Que vens buscar aqui?»

«Longas noites velando, a juventude, ó Fausto!
Desgastaste na sciencia esteril; e as manhãs
Já te não levam seiva ao coração exausto,
Nem te desc'rôam mais da neve dessas cãs!

«Porque foste, com mãos profanas, tantas lousas,
Ultrajando o pudor da morte, levantar?
Porque quizeste, enfim, para todas as cousas,
Não como poeta já, mas como sabio, olhar?

« Pois has de, como outr'ora, espirito doente,
Num tumulto chorar e ante um berço sorrir?
Como poupar o ninho e esmagar a serpente,
Se todo o ser da mesma entranha vês sahir?...

« Se a mãe, que, deseguaes, os géra é sempre a mesma
Que os ceifa, e torna o bello à hediondez equal,
E em si tudo confunde: a mariposa, a lesma,
A toutinegra, o açòr, a antilope, o chacal?...

« Como ha de a natureza, o seio mysterioso
Que palpaste, encobrir-te aos olhos outra vez?
Como ha de essa, de quem tu te fizeste esposo,
Correr, pudica, um véu sobre a sua nudez?

« Falta-te a crença que é, para uma alina sombria,
Como o ar para o som, como a luz para a côr!...
Nem um vislumbre tens dessa ingenua alegria,
Que é, na bocca—o sorriso, e que é, no ramo—a flòr!

« Fausto ! Que vens buscar aqui, sceptico e triste ?
Suffocaste no seio o amor; que resta mais ?
Na eschola onde, um por um, os sonhos consumiste,
Entraste vivo outr'ora e hoje cadaver sahes!

« E's um morto ! Como ha de a loura Margarida
Teus labios ao calor do seu beijo aquecer ?
Perdendo as illusões, tambem perdeste a vida,
Pois deixar de illudir-se é deixar de viver !



NUA E CRUA

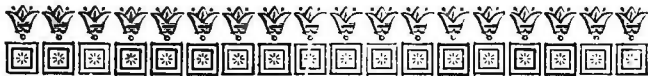
Doure a Poesia a escura realidade
E a mim a encubra ! Um visionario ardente
Quiz vel-a nua, um dia ; e, ousadamente,
Do aureo manto despoja a divindade ;

O estemma da perpetua mocidade
Tira-lhe e as galas ; e eil-a, de repente,
Inteiramente nua e inteiramente
Crúa, como a Verdade ! E era a Verdade !

Ficta-a, em seguida, e attonito recúa . . .

— O' Musa ! exclama então, maguado e triste,
Traja de novo a louçainha tua !

Veste, outra vez, as roupas que despiste !
Que olhar se apraz em ver-te assim tão núa ?
E á nudez da Verdade quem resiste ?



AMEN !

A Filinto de Almeida

Genios do bem ; fadas, que os tristes
Vagidos—seus primeiros ais—
Juncto a seu berço, um dia, ouvistes ;
Fadas, que o berço lhe embalais !

Vaticinae-lhe aurea e risonha
Vida, risonho e aureo porvir ;
O infante dorme, o infante sonha,
E acorda placido a sorrir. . .

Sobre os docéis do ninho de ouro,
Que bem fadaes, alados, vêm
Mil seraphins, cantando, em côro,
Dizer, ouvindo-vos:

— Amen !

E a voz, que, hymnifera, o abençôa,
A voz dos anjos a cantar,
Alto, porém, tão alto sôa,
Que, enchendo a terra e os céus e o mar,

Váe té ao Barathro, aos infernos,
E assanha a Inveja e assopra o horror
Dos igneos vortices eternos,
Do eterno Repto o rancor . . .

Tartareas boccas, que o maldigam,
Heis de então vêr; vereis, tambem,
Demonios mil, que, ouvindo-as, digam,
Uivando, em côro :

— Amen ! Amen !



FETICHISMO

A João Riteiro Junior

Homem, da vida as sombras inclementes
Interrogas em vão : — Que céus habita
Deus ? Onde essa região de luz bemdicta,
Paraiso dos justos e dos crentes ?

Em vão, tacteam tuas mãos trementes
As entranhas da noite erma, infinita,
Onde a duvida atroz blasphema e grita,
E onde ha só queixas e ranger de dentes...

A essa abobada escura, em vão, elevas
Os braços para o Deus sonhado, e luctas
Por abarcal-o ; é tudo em torno trevas...

Sómente o vacuo estreitas em teus braços ;
E apenas, pavido, um ruído escutas,
Que é o ruído dos teus proprios passos !...



DEUS IMPASSIVEL

A Augusto de Lima

Raça de Ahasvérus, a arquejar convulsa,
Rostida pelo açoute da desgraça,
Rôta, sangrenta e exul, maldicta raça,
Que errante vaes, de plaga em plaga expulsa ;

Como tu, sobre quem, povo execrando,
Duro anathema pésa, a Humanidade
Vae a herança da dôr, de edade a edade
E gerações a gerações, levando...

Mas de que serve, á eterna padecente,
Que, as mãos torcendo, anhele, exóre e lucte ;
E, emfim, porque ninguem, na terra, a escute,
No céu, para escutal-a, um deus invente ? !

De que lhe serve, desolada e triste,
Que o fumo das blasphemias, de mixtura
Com o odor da oração, ascenda á altura,
Onde esse deus, que ella inventou, existe ? !

De que serve, por seculos a fóra,
Clamares tu, se num deserto clamas ?
Se o deus, que ouvia, entre o sarçal em flammas,
O clamor de Israel, é surdo agora ? !

De que serve, se é surdo ? ! De que serve,
Se não póde auscultar, dessa maneira,
Teu coração, que—horriavel cachoeira
De soluços e lagrymas—referve ? ! . . .

Em vão esperas : nutres a esperança
De um impossivel—esperança louca !
Ou desesperas ; ou te afflue á bocca,
Na azia do odio, a bava da vingança !

Teu pranto ha de estancar, em vão ! Teu grito
Sem echo ha de morrer !...

Ah ! mudo e immoto,

Acima, além, do ethereo azul ignoto,
Do esparavel dos astros infinito,

Onde a arvore dos sóes longinqua abrolha,
—Sem que um só guai por seus ouvidos passe,
Nem a mais leve contracção na face
De algente marmore—

O Impassivel olha !



VÆ VICTIS !

Homem ! Ao torvo Deus, que ha derribado
Do humano orgulho as torres de Babel ;
— Deus, que nos crêa para a dor, cruel ;
— Deus, que nos crêa e que não foi creado . .

Em vão blasphemias, espremendo, irado,
A alma—esponja de lagrymas e fel—;
Deus dorme, surdo á nossa voz rebel,
Nos fumos do holocausto embriagado.

E não de ir-se os orbes, como náus, a pique ;
E, do Orco extremo na horrída caverna,
Ha de a raiva espumar, morder-se a dôr !

Dôr é tudo ; e nada ha, que justifique
Essa revolta universal, eterna,
Da creatura contra o Creador !



DIALOGOS

Jean Rameau

I

— Eu sou a Terra. E tu ?

— Eu sou o Homem.

— Perdôa !

Larga o arado brutal, que a face me arregôa !
Não mais venha, ó forçado eterno, a labutar,
Teu duro alvião de ferro os flancos meus rasgar !
Não mais me esfole a enxada e a charrúa o espinhaço !
Deixa-me, inculta embora e esteril, ao mormaço,

A' canicula, ao sol, dormir! Homem, perdão!
Cessa de revolver minhas entranhas!...

— Não!

*
* *

— Eu sou o Trigo. E tu?

— Eu sou o Homem.

— Perdôa!

Pelos campos sem fim, que a seara povôa,
Sopram rijos agora os ventos outonaes;
Meus gonfalões de seda oscillam, triumphaes.
Que eu, nesse flavo oceano, indolente balouce!
Suspende, segador cruel, a tua fouce!
Tira-a de sobre mim! Detem-te, Homem! Perdão!
Deixa-me livre ondear por esses campos!...

— Não!

*
* *

— Eu sou a Pedra. E tu?

— Eu sou o Homem.

— Perdôa!

Que a minha dura sorte ao menos te condôa!
Murallas e torreões tentas commigo erguer;
E a Terra, mãe piedosa, em vão, p'ra me esconder,

Tem largo coração e tem entranhas largas !
 Minam-me a picareta e a polvora as ilhargas !
 Este supplicio atroz suspende, Homem ! Perdão !
 Deixa que, inérte, eu durma a somno solto !...
 — Não !

*
 * *

— Eu sou o Ferro. E tu ?
 — Eu sou o Homem.
 — Perdôa !

Teu martello a bater nas bigornas rebôa ;
 Torço-me, ranjo, estalo e espirro áscuas subtis,
 Particulas de fogo, ephemeros fuzis...
 Diabolico Vulcano ! aos golpes do teu malho,
 São como um rubro Inferno as forjas do Trabalho.
 Porque me pões em braza e me amolgas ? Perdão !
 Não me tortures mais ! Deixa-me em calma !..
 — Não !

II

— Eu sou o Homem. E tu ?
 — Eu sou a Terra.
 — O' Terra !

Pois nem um grão sequer teu seio arido encerra ?
 Que é do que semeiei na quadra germinal ?
 Cahiu toda a semente, acaso, em sáfio areal ?

Sob o infecundo sol, a inopia te consome ;
 Como um lobo cervical, vem devorar-me a Fome ;
 De ti, brotam sómente espinhos... Dá-me o pão !
 Dá-me o alimento ! Dá-me o que me falta !..
 — Não !

*
 * *

Eu sou o Homem. E tu ?
 — Eu sou o Trigo !
 — Césse

A minha voraz Fome ante uma farta mésse !
 Trigo, que eu semeiei, apieda-te de mim !
 Arrebenta, verdeja e amadurece, enfim !
 E, ás brisas outonaes, Trigo esplendido e louro,
 Movam-se os teus pendões—fluctuoso oceano de ouro !
 Hei suado por ti bagas de sangue em vão ?
 Locupleta, abastece os meus celleiros !
 — Não !

*
 * *

— Eu sou o Homem. E tu ?
 — Homem, eu sou a Pedra !
 — Roubei ! Matei ! Em mim, hoje, o remorso medra !
 O crime me arrojou nesta masmorra ; aqui
 Nem um raio de sol, entre as grades, sorri ;

Nem um murmur alegre, um pio d'ave eu ouço...
Antes a morte, que este horrivel calabouço!
O' Pedra! sobre mim, nesta desolação,
Tomba, despenha, alúe, desmorona-te!.

— Não!



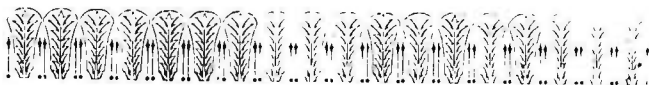
— Eu sou o Homem. E tu?

— Eu sou o Ferro.

— A vida

Porque arrancar me vens, cruel Ferro homicida?
Vingas-te! Já o algoz tremendo me conduz
Ao cadafalso; e horror! já sobre mim reluz
O aço triangular da guilhotina! Acima
Pende a morte! O fatal instante se approxima!
Ferro sanguisedento e atroz! Perdão! Perdão!
Pára um segundo! Escuta! Attende! Espera!...

— Não!



GREEN SPOT

Da atroz Verdade o incendio não devasta
Teus solios de ambar e esmeralda, e a immensa
Paisagem de ouro e carmesim, suspensa
No horizonte, que, além, foge e se afasta..

Do supremo repouso a hora nefasta
Soou. A treva impenetravel, densa,
Cresce em torno; e enche a noite da descrença
A amplidão do deserto adusta e vasta...

Seja esta embora a noite derradeira ;
A' caravana tropega e cançada
Inda sorrís, ao longe, aurea e fagueira ;

E ella inda, ao longe, vê, finda a jornada,
Sorrir-lhe o verde oasis, a palmeira,
O fio de agua e a sombra suspirada . .



* *

Odio e Amor. Eis as duas sentinellas
Da minha vida. Quando, outr'ora, eu tive
A alma povoada de illusões singellas,
Morre !—dizia-me a primeira dellas ;
Mas a segunda me dizia : —Vive !

Hoje estão ambas mudas. Ah ! Se, um dia,
Não me corresse as veias, como corre,
Sangue honrado, mas lama e cobardia ;
Vive ! — O Odio, então, com jubilo diria ;
E o Amor diria, soluçando : — Morre !



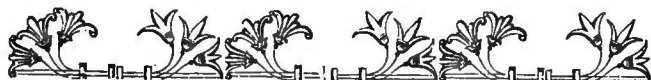
PELAGO INVISIVEL

Sentes-lhe, acaso, o soluçoso grito,
Os bravos êstos, o guaiar plangente ? !
Ah ! Ninguem vê, mas todo o mundo sente
A alma—Atlantico intermino, infinito . . .

A's bordas delle eu ñe debruço afflicto.
Não mires a este espelho a alma innocente !
Verto ahi, muita vez, meu pranto ardente ;
Muita vez, choro ; muita vez, medito . .

E elle, ora, inchado, estoura e arqueja e nuta ;
Ora, turgido, a c'róa victoriosa,
De rutilante espuma, aos céus levanta ;

Ora, placido, offéga. . e só se escuta
A saudade—sereia mysteriosa,
Que, em suas praias infinitas, canta. . .



HYMNO A COLERA

A Silva Jardim

Execro a Inveja. Contra mim, que importa,
Que imprecações, o monstro abominando,
Vesgo e toucado de aspides, exhale?!
Amo o Amor; mas o Amor, louco, transporta
Os bravos, e põe Hercules fiando,
De roca e fuso armado, aos pés de Omphale.

Amo a Bondade ideal, lhana e sincera :
Cabe, em seu coração de indultos cheio,
Toda a grandeza de um colosso rhódio.
Odeio o Odio, que n'alma se invetera,
Cancro incuravel ; e o Rancor odeio,
Pois não é mais, que a vil placenta do Odio !

Não ! A Colera, a Colera é, que eu canto !
Seu brado acorda os êchos estridentes,
E aturde, rouco, rebombando, os ares !
Seu halito respira a morte e o espanto !
E ella é que aos temporaes quebra as correntes,
Desencadeia e encarapella os mares !

A Colera immortal, grega, ou troyana,
Na alma do invicto heróe possesso della,
Achilles, ou Heitor, ousa cantal-a ;
Canto a indomita Colera, que, insana,
Escancarando dos volcões a guela,
Com linguas mil de fogo, o Olympo escala !

Canto o heróe ebrio della, quando atrôa
O clangor da batalha, o horror tressúa,
E o seu márcio ginete, arfando, rincha . . .

E, envolta em nimbus flammejantes, vòã,
Torva, a Colera; a Colera, que estúa,
O olhar accende e as cordoveias incha !

Eil-o, o heróe, cujo punho a ira sagrada
Armou, para vencer a aguiã, que a entranha
De Prometheu, no Caucaso, devora ;
O heróe, que, a um golpe da fulminea espada,
Rasga um Nilo de luz, que o mundo banha
Nas fulvas ondas de uma nova aurora !

Eil-o ! E' mais bello, que os heróes de Homero !
A vertigem do sangue, atroz, lhe adorna
De reflexos de purpura o semblante !
Qual ruivo athleta, desgrenhado e fero,
Combate; e a Colera immortal o torna
Aos archanjos e aos deuses semelhante !

Ruja a seus pés mais de um Titan cahido !
E em seu guante ferrenho, estrangulado,
Mais de um se estorça, moribundo e exangue !
Combata ! Vença ! E, se tombar vencido,
Tombe, como Saul, amortalhado
Na tunica real do proprio sangue !

Vença ! Da gloria ao sol, surta radiosa
Éssa, cujo esplendor o offusca e cega,
Colera horrenda, embriaguez divina !
E se, a armadura de aço victoriosa,
Fender-se-lhe, na turbida refrega,
E partir-se-lhe a espada colubrina ;

Desça elle, então, sem que ao pavor succumba,
De Gibel pela hiante e funda gorja,
Té onde a luz meridia arfa em desmaios ;
Onde o malho cyclopico retumba,
E Brontes, monstruoso e acceso, forja
Os alfanges dos deuses, que são raios !



BALSAMO NOS PRANTOS

Chora. Uma grande dor te punja e córte
E de prantos te inunde a face austera,
Já que uma dor pequena prantos gera
Na alma de um fraco, só, p'ra que a suporte.

Certo, não torce um coração, que é forte,
A dor, que um fragil coração torcera ;
Peitos de bronze, não ; peitos de ceira
E' que a dor amollece desta sorte.

Prantos, balsamo e allivio de quem chora,
Sejam fructos do amor, ou sejam fructos
Do odio, bem haja a dor, que os faz chorar ;

Bem haja a dor, que pôde, emfim, agora,
Na aridez desses olhos sempre enxutos,
Duas fontes de lagrymas rasgar . .



PAPEIS - VELHOS

(UM FRAGMENTO)

Il y a encore plus de gens sans intérêt, que sans envie.

(Lu Rochefoucauld.)

.....
Que importa a mim esse rancor profundo,
Que, nos gestos, no olhar, na voz, revelas ?
O amarulento fel com que te engasgas ?
E essas crispadas garras, se, com ellas,
As proprias carnes ferozmente rasgas ?

Se aleivoso murmurás, que me importa
 O acervo de calumnias, que, iracundo,
 Engendras em teu seio ;
 Monstros vis, que essa bocca immunda aborta ? !
 Bem podes tu odiar-me ; eu não te odeio.

Que importa, em summa, ser por ti odiado ?
 Ou, que, a seguir tranquillo o meu caminho,
 Te encontre sempre nelle atravessado ?
 Eu sou feliz ; teu coração mesquinho,
 A essa felicidade,
 Em vão, se mostra adverso !
 Tu, victima de atroz enfermidade,
 Inda és mais insensato, que perverso,
 E menos asco inspiras, que piedade !

 Ruge, breme, urde intrigas, atraicôa !
 Conspureas-me os laureis ? Roubas-me a estima
 Dos bons ? Nunca ! Por mais, que o odio te rôa
 A alma ! Por mais, que a inveja a alma te opprima !

Emquanto essa alma vil rasteja, vôa
 Outra, innoxia e feliz, pairando acima ;
 E esta é que, despresando, te peçdôa !
 E esta é que, perdoando, te lastima !

Tenho ao amor e á paz o peito aberto ;
E o que me faz feliz (tu mesmo o sentes)
E' bem pouco (teu proprio labio o diz) !

Ah ! Se tão pouco invejas é, de certo,
Não porque, com tão pouco, te contentes,
Mas porque, com tão pouco, eu sou feliz !



Voltaire, dando com o pé numa caveira, ria...

(GOMES LEAL.)

Juncto a esta cruz os ossos dum asceta
Jazem... Do claustro as frias solidões
Amou, e, em vez da truculenta e inquieta
Vida, a paz, o cilicio e as orações ;

E do mundo, afogando toda a abjecta
Concupiscencia e todas as paixões,
Illeso emfim sahiu, como o propheta
Daniel, da caverna dos leões.

Hoje no eterno céu, mysticamente,
Goza a face do Altissimo. E' somente
Depois da morte, que se faz a luz.

A cruz é da Verdade o emblema santo ;
Mas... se assim é, de que se ri, no entanto,
Esta caveira immunda aos pés da cruz ? !



Á SOMBRA DA MORTE

A Affonso Celso Júnior

Nas vascas da agonia um moço chora :
«—Com que sarcasmo, ó natureza, estendes
Profusa luz, em torno a mim, agora !
Amor, porque me enleiaŝ em teus braços ?
Porque, se a vida é curta, a ella me prendes
Esta alma, ainda, com tão fortes laços ? ! »

Cheio de annos e cãs, findo o combate
Da vida quasi finda,
Tambem um velho em ancias se debate :

«— O' céus ! —depréca num soluço rouco—
Luctei assás; deixai-me, vivo ainda,
Antes da morte, repousar um pouco ! »

Um a lucta começa,
Outro remata a lucta . . . Certamente,
Tanto a velhice tremula, como essa
Fogosa juventude ardua e insoffrida,
O que deplora e sente,
Não é morrer, porém . . . deixar a Vida.

E a Morte, ao pé do leito, assim lhes falla . . .
(Sua voz sepulchral, ninguem a escuta ;
Podem só moribundos escutal-a.)
Falla a cada um :— «Não temas tu, em meio
A lucta, ou pós a lucta,
A enorme paz do meu enorme seio !

«Paixão, Remorso, ou Sonho, ou Pesadelo,
Não sou. Não sou o espectro, que, ominoso,
Toca o insomne Macbeth com mãos de gelo ;
Não sou o espectro lobrego e sangrento,
Que, á noite, assombra o olhar do criminoso,
E vela á cabeceira do avarento !

«Nem a visão, que, entre jasmims e rosas,
Em niveo thoro, ambigua, aerea e vaga,
Inflamma as almas noivas e amorosas;
E, entre os mil beijos da Volupia, gera
Um martyrio—no odor, que as embriaga,
Um tormento—no espinho, que as lacera !

«O coração, que espera o bem, e cança
De esperal-o, meu halito adormêce-o,
E, com elle, su'ultima esperança ;
Quer a lucta comeces, quer a acabes,
Ancião, ou joven, Socrates, ou nescio,
Tu, que és amante, ou tu, que amar não sabes,

«Mortal, emfim ; no encalço da ventura,
O basilisco fabuloso, a arcana
Pedra philosophal busca, procura !
Mas não tentes achar, da mesma sorte,
O homem, que, avesso á minha lei tyranna,
Conseguiu repousar antes da morte !»



VERBO LIBERTADOR

(SOBRE A MORTE DE JOSE' BONIFACIO)

Ao Dr. Brazilio Machado

Possas em breye, ó patria, hoje chorosa,
Galas trajando e não pesado lucto,
O grilhão rebentar, férreo e polluto,
Do captiveiro, impavida e radiosa ;

Da liberdade a róta luminosa
Possas, com firme passo resolutto,
Livre seguir, livre, gozando o fructo
Dessa bocca eloquente e generosa.

O que seu verbo semeou te baste;
Que, não em gleba esteril, a semente
Da liberdade, ó patria, desparzia!

Reguem teus prantos hoje a debil haste
Do arbusto—arvore, em breve, alta e frondente—
A' cuja sombra has de abrigar-te um dia.



ONDAS . .

Ilha de atrozes degredos !
Cinge um muro de rochedos
Seus flancos. Grosso, a espumar,
Contra a dura penedia,
Bate, arrebenta, assobia,
Retumba, estrondeia o mar.

Em circuito, o Horror impera ;
No centro, abrindo a cratera
Flagrante, arroja um volcão

Ignea blasphemia ás alturas...
E, nas invias espessuras,
Brame o tigre, urra o leão.

Aqui chora, aqui, proscripta,
Clama e desespera afflicta
A alma, de si mesma algoz,
Buscando, na immensa plaga,
Entre mil vagas, a vaga,
Que neste exilio a depoz.

Se a vida a prende á materia,
Fóra desta, a alma, siderea,
Radia em pleno candor;
O corpo, escravo dos vicios,
E' que teme os precipicios,
Que este mar cava em redor.

No azul eterno ella busca,
No azul, cujo brilho a offusca,
Pairar, incendiada ao sol,
Despindo a crusta vil, onde
Se esconde, como se esconde
A lesma em seu caracol.

Contempla o infinito... Um bando
De gerifaltos voando
Passou, desapareceu
No ether azul, na agua verde...
E onde esse bando se perde,
Seu longo olhar se perdeu...

Contempla o mar, silenciosa :
Ora mansa, ora raivosa,
Vae e vem a onda minaz,
E, entre as pontas do arrecife,
A's vezes leva um esquite,
A's vezes um berço traz.

Contempla, de olhos maguados,
Tudo... Muitos degradados
Findo o seu degredo têm ;
Vão-se na onda intumescida
Da Morte; mas, na da Vida,
Novos degradados vêm.

O' alma contemplativa !
Vem já, decumana e altiva,
Entre essas ondas, talvez,

A que, no supremo esforço
Da Morte, em seu frio dorso,
Te leve ao largo, outra vez.

Quanto esplendor! São aquellas
As regiões de luz, que anelas.
Rompe os rigidos grilhões,
Com que á Carne te agrilhôa
O instinto vital! E vòa,
E vòa áquellas regiões!...



AMOR CREADOR

Coração, que és do amor o docil instrumento,
Rende-te, coração ; rende-te ao seu poder ;
Homem, vem, neste ameno oasis, suarento
E exhausto, adormecer !

Encha um seculo a dor, e o goso um só momento ;
Existir é soffrer ;
Para que, em tua especie, a vida, o soffrimento,
Dure eterno, has de amar. Ama, inditoso ser !

Todo o instincto a essa lei tyrannica é sujeito.
O amor, contens-no em vão em teu ambito estreito,
Alma. E' forçoso amar,

Para que existas sempre, ó alma dolorida !
Forçoso é, pelo amor, perpetuando a vida,
A dor perpetuar !



PAZ ENTRE OS HOMENS

A Fontoura Xavier

Paz entre os homens ! Os vencidos dormem
Na eterna paz. A guerra é concluída.
Em pingues zonas de lavoura e vida,
Os campos de batalha se transformem !

Troquemos todos, como amigos, junctos,
Por mansos bois os marciaes cavallos.
Eia sus ! Quanto aos mortos... enterral-os ;
E rezar pelas almas dos defunctos..

E agora o seu casal cada um constrúa.
Não sangue, mas suor, fecunde a terra ;
E encha esse azul, em vez de hymnos de guerra,
O som fresco e saudavel da charrúa.

Velho já, que, entre simples lavradores,
Nosso bom marechal seu mando esqueça !
Paz sobre os homens, para sempre, desça !
Paz, como entre as abelhas e os castores.

Que é assim, que as abelhas mel fabricam
No doce *phalansterio* das colmeias ;
E os castores poeticas aldeias
A' beira d'agua, alegres, edificam...



CAUCHEMAR

Penetro a estancia funebre e sombria,
Extremo leito da mulher amada ;
E êrgo a louza, que a cobre—despojada
De toda a graça ideal, que revestia ;

Da belleza, onde um casto amor sorria,
Pudica e doce, nada resta, nada ;
Núa de carnes, só a branca ossada,
Que apalpo e sinto fria, fria, fria . .

E, o somno seu eterno interrompendo,
Clamo.. Da noite o vento álgido córta,
Cáe neve e é gélido o esplendor da lua...

Então, a erguer-se, pávida, tremendo
De frio e com pudor, me diz a *morta*:
« Cobre-me! Ha tanto frio e estou tão núa! »



MAZZEPPA

A primavera amplo tapete
Lúxuriante estende
Pela planura, em torno ; e do arvoredo a copa
De corymbos, festões e luz se esmalta...
Tudo percorre, a voar, o indomito ginete ;
Como rija rajada, os ares fende ;
Barrancos salta
Veloz ; e, ligeiro,
Das savanas atravez,
Sem freio, escumando, nitrindo, galopa...
Pára !—exclamam em vão—Cavalleiro,
Vê que abysmo se rasga a teus pés !

Suspende, louco !—em vão exclamam—
Colhe a redea, mancebo !
Cegos ! Não vêem, que eu vou a este ginete ardente
Jungido, como o principe cossaco !
Em vão ! A primavera e o amor é que me inflammam.
Que a um abysmo irei ter, em vão percebo ;
Em vão atraco,
E em vão ponho brida
A esta selvagem paixão !
Em vão ! Em vão todos exclamam :—Detem-te !
Em vão :—Susta essa infrene corrida !
Em vão :—Pára !—mil vezes em vão !



BANZO

Visões, que, n'alma, o céu do exílio incuba,
Mortaes visões! Fuzila o azul infando...
Collea, basilisco de ouro, ondeando,
O Nilo... Brameïm leões de fulva juba...

Uivam chacáes... Resôa a fera tuba
Dos cafres, pelas grotas retumbando,
E a estralada das arvores, que um bando
De pachydermes colossaes derruba...

Como o guaraz nas rubras pennas dorme,
Dorme em nimbus de sangue o sol occulto...
Fuma o saibro da Nubia incandescente...

Váe, co'as sombras, crescendo o vulto enorme
Dos monolithos ; e, em su'alma, o vulto
De uma tristeza immensa, immensamente...



HOROSCOPO

Tu baterás da Gloria á porta, que scintilla ;
E, em vez d'ella, ha de vir o Vilipendio abril-a !
Sem uma estrella só, erratica, a tremer
No céu negro, e de luz sequioso, irás bater
A' porta do palacio, onde a Rasão fulgura ;
E a Rasão não virá abrir, mas a Loucura !
A' porta baterás da Virtude ; e ha de vir,
Co'uma gazúa, o Crime a sacra porta abrir !

Do Olvido irás bater á porta, ao Crime enorme
Fugindo ; mas o atroz Remorso, que não dorme,
Sem palpebras, velando, ha de a essa porta estar!
Desanimado já, depois de, sem cessar,
A' tanta porta, em vão; bateres desta sorte,
Baterás á da Morte, emfim !...

Bem haja a Morte,
Que a não deixou de abrir, jamais, a um coração
Cansado de bater e de esperar em vão !



ULTIMO PORTO

Este o paiz ideal, que em sonhos douro ;
Aqui o estro das aves me arrebatá,
E em flores, cachos e festões, desata
A Natureza o virginal thesouro ;

Aqui, perpetuo dia ardente e louro
Fulgura ; e, na torrente e na cascata,
A agua alardea toda a sua prata,
E os laranjaes e o sol todo o seu ouro...

Aqui, de rosas e de luz tecida,
Leve mortalha envolva estes destroços
Do extinto amor, que inda me pesam tanto ;

E a terra, a mãe, aqui, no fim da vida,
Para a nudeza me cobrir dos ossos,
Rasgue alguns palmos do seu verde manto.

A

Francisco Godí



CYTHERA

A Raul Pompeia

Quebra o Oceano de encontro ao duro peito
Do alcantil, que a defesa entrada vela,
E vem lamber-lhe, em perolas desfeito,
As cardeas conchas da alvacenta ourêla.

Neptunios deuses, ante a flôr mais bella
De Yonia, em seu profundo e salso leito,
Estremecem de amor. Bate aos pés della
O coração das aguas satisfeito...

Franjam-lhe o manto, as algas e os sargaços ;
Embalam-na rebombos e assobios ;
E, envolta em doce, luminosa bruma,

Sente que a cingem com lascivos braços
Tritões, e a osculam grossos beijos frios,
Boccas cheias de beijos e de espuma...



ODE PARNASIANA

A Lucindo Filho

De chypreo mosto cheia
A taça ergui. Cogitabunda Musa,
Fuge os pezares. Eia !
Desta alma a flamma viva affla, e enaltece-a !
O estro me insuffla ; e, á minha vista illusa,
As pristinas grandezas patenteia
Da celebrada Grecia !

Musa, a Grecia, como antes
Do ultimo helleno, dá, que eu sonhe agora !
Patria do genio ousado ; de gigantes
Berço de ouro e de luz ; Grecia immortal !
Ria-nos, Musa, o mundo hodierno, embora ;
Em rapto audaz, nas rémiges possantes,
Transporta o meu ideal !

Mas, não ; vòã serena !
Longe da turba egoista, que os meus gozos
Afellea e envenena,
Leva-me a um doce e placido recesso ;
Como a Banville e a Mendes, gloriosos,
Levaste, além do inquieto e ovante Sena,
A's margens do Permesse !

Vòã, serena ! A pista
Do casquilho de Samos seguir deves.
De saphira, esmeralda, ambre, amethys
E murice orna o olympico painel.
A harpa acrysola só no amor ; e, em leves
Tintas, menos incommodas á vista,
Mergulha o teu pincel !

Do gesto ameno e brando,
Faze, que, sem amarujentos travos,
Borbote, e, gurgulhando,

Mane a poesia—fonte clara e pura ;
Quaes, na bocca de Pindaro, os seus favos
Mellisonas abelhas fabricando,
A encheram de doçura.

C'róa a jucunda fronte
De myrto e rosas ; que eu assim te quero,
E amo-te mais, Musa de Anacreonte !
Pulsar, em márcio, horrisono arrabil,
Cordas de bronze, é para as mãos de Homero.
A ti, legou-te Erato a lyra insonte
E a avena pastoril.

Fuge a cruenta pompa
De Bellona, em que as furias tresvariem ;
Trôe e retrôe a trompa
Bellicosa ; num som rispido e agudo,
As disparadas frechas assoviem ;
O atroz tambor em roucos rufos rompa ;
E Marte embrace o escudo !...

Na lympha crystallina
De Acidalia, onde immerge as formas núas,
Com as irmans, a candida Euphrosina,

Tempéra a voz... Tu, Musa, que, ao sabor
De Teos, tão docilmente os tons gradúas,
Então, antes, na cithara argentina,
A mocidade e o amor !

Sobe o Menalo, eſtranho
A's guerras; onde Pan, os tentadores
Contornos, vê, no banho,
Da esquiva nympha, e a rúde fruta inventa ;
Cuja uberrima falda bróslam flores ;
E onde o zagal arcadio o alvo rebanho
E os olhos apasçenta.

Olha : de cada gruta
A' bocca, esvelta dryade sorri-se...
Estrálam gargalhadas no ar, escuta :
Dentre ellas a de um fauno sobresáe ;
E' Sileno ; e, na eterna bebedice,
Deixa cahir no chão a taça enxuta,
E, temulento, cáe...

E Baccho; eil-o assentado
Sobre um tonel ; eil-o a empunhar virente
Thyrso todo entamado

De cachos de uvas, de parreiras e heras ;
E eil-o a voltar das Índias, novamente,
No molle coche triumphal tirado
 Por lynces e pantheras...

 Phebo, ao clarão do dia,
Já visível nos torna a roxa face,
E a esplendida quadriga luzidia
O Zodiaco em fogo a percorrer...
A solidão povôa-se. Desfaz-se
A nevoa, que as pupillas me cobria ;
 Abro-as, começo a ver !

 Penetro o sumptuoso
Templo de Paphos, onde o culto é menos
 Arcaño e mysterioso,
Que esse, que a Ceres tributára Eleusis ;
E onde, ao cùpido olhar do amante, Venus
Desnúa o lacteo collo delicioso,
 — Branco manjar dos deuses.

 Na ave, na flôr, na planta,
E em tudo, ó Musa, a alma pagan respiras !
Lembre-te um corço a alipede Atalanta ;

Faça-te a linda anémone lembrar
O filho incestuoso de Cinyras ;
E Leda—o fallaz cysne, que levanta
A nivea pluma ao ar ..

A ti não são defesos
Assumptos taes, eróticos assumptos.
Canta ; e, em perlas accesos,
Musa, os dois olhos no Passado ficta !
Como Castor e Pollux, sempre junctos,
São dois planetas mais, cravados, presos
Na abobada infinita...

Moteje embora o mundo !
Ria-nos essa turba impia e nõjosa,
Sobre a qual cuspo o meu desdem profundo ;
Misera e vil, curvada aos pés de um rei !
Vil e misera, sim ; que ella não goza
Da embriaguez divina, que ha no fundo
Da taça, que emborquei.



BELJOS DO CÉU

Sonhei-te assim, ó minha amante, um dia :
— Vi-te no céu ; e, enamoradamente,
De beijos, a phalange resplendente
Dos seraphins, teu corpo inteiro ungia...

Santos e anjos beijavam-te... Eu bem via !
Beijavam todos o teu labio ardente ;
E, beijando-te, o proprio Omnipotente,
O proprio Deus nos braços te cingia !

Nisto, o Ciúme—féra, que eu não domo—
Despertou-me do sonho, repentino...
Vi-te a dormir tão placida a meu lado;

E beijei-te também, beijei-te... e, ai! como
Achei doce o teu labio purpurino,
Tantas vezes assim no céu beijado!



MISSA DA RESURREIÇÃO

Era um domingo da Ressurreição,
Emma ; e não foi por causa da preguiça
Mui desculpavel de acordar tão cedo,
Nem foi por falta de religião,
Que nós deixamos de assistir á missa.
No sabbado, na vespera, em segredo,
Tinhamos combinado firmemente,
Ir para aquelle fim á egreja ; embora
Esta distante meia legoa esteja
Do feliz sitio onde morava a gente.

Eu não me lembro agora
Do santo que era o orago dessa igreja ;
Nem me lembra tão pouco, Emma adorada,
A que Nossa Senhora
Ella era consagrada ;
Lembro-me só de que era
No verde mez, nuncio da Primavera,
No verde Abril, na quadra mais florida
Desse anno ; e só me lembro
De que a combinação feita por nós
A risca foi cumprida.

Máu grado o frio atroz,
Que me pungia, inexoravelmente,
Regelando-me todo, membro a membro,
Levantei-me e sahi ; mas, quando em frente
Cheguei da tua casa, á minha espera
Tu, Emma, estavas já, prompta e vestida .
Vi-te, pallida e bella,
Scismativa a esperar ; sobre a janella
Fincado tinhas um dos cotovellos ;
E, a barba sobre a mão nevirosada,
Fictavas o horizonte...
Além, aos poucos, humida e cheirosa,
— De um pelago de fogo e sangue ardente
Onde uns restos da noite, tibiamente,

Boiavam inda, em turbidos novellos—

Erguia a madrugada,

Cheia de virginal, candido alvor,

A alabastrina fronte

A que adornava só, como uma rosa,

Como uma rosa branca nos cabellos,

A estrella do Pastor !

Mal me viste, calçando, em breve instante,

As luvas e envolvendo o busto airoso

Numa capa de lã (a ventania

Uivava fóra, rispida e glacial)

Presto, a escada desceste, tiritante,

A ter commigo, que esperava, ancioso,

A' porta do quintal.

Que frio atroz ! E a capa te envolvia

Toda e (lembra-me bem) de modo tal,

Que desse rosto ingenuo, unicamente,

Dois olhos de azeviche, enamorados,

E a ponta de um nariz mimoso eu via ;

Assim, ó Emma, entre os frouxéis dos ninhos,

Occultos e de frio inteiriçados,

Os passaritos deixam ver sómente

A ponta côr de rosa dos biquinhos...

As estradas, por ora,

Solitarias, desertas inda estavam ;

Mas quantas distracções por ellas fóra

Depois nos aguardavam !
Hirtas, nos frouxos véus dos nevoeiros,
Com as franças em languido abandono,
As arvores tremendo pareciam
 Cabecear de somno ;
Da aurora os sylphos querulos gemiam ;
Pelos bambús, em bamboleios lentos,
E no espatho e nas palmas dos coqueiros
 Remexiam-se os ventos...

Após curtos momentos,
Iam-se já rarefazendo as brumas ;
Passarões já nenhuns, aves nenhuma
Dormiam em seus ninhos solitarios ;
A Fauna inteira despertava em festa ;
Sentia-se um bater de azas e plumas ;
De alleluias os céus se iam pejando ;
Cantavam pintasilgos e canarios
 Entre as ramas espessas
 De uma espessa floresta ;
 E, abrindo o vôo, um bando
 De annuns, garrulo e louco,
Passava gazeando, chilreando,
 Sobre as nossas cabeças...

E a luz ia crescendo, pouco a pouco...
 Era uma fresca e linda
 E amena madrugada;

De cada arbusto á fronde verde e crespá
De pimpolhos, de gomos e de flores,
 Pendurava-se ainda
Em farrapos a nevoa ; o sol vestia
Os montes, em redor, de arnezes de ouro ;
Pela cerula abobada anilada
 Sussurrava e corria
Vivo, alegre zum zum... Era o besouro,
A mosca, o maribondo, a abelha, a vespa,
As metallicas azas a vibrar ;
Eram fulvos enxames zumbidores
Estremecendo, scintillando no ar...

Nós seguíamos mudos e sozinhos...
No molle chão pisado ias gravando,
Emma, os vestigios do teu passo breve ;
E o jasmineiro, os braços agitando,
Sacudia a teus pés, sobre os caminhos,
(Os pequeninos calices de neve...
Pelas corollas tumidas de orvalho
Suspirava um favonio, carinhoso,
Com invisiveis mãos, pulsando, leve,
Doce alaúde, ou bandolim mavioso ;
 De cada mobil galho
 Cahia um luminoso
Pingo d'agua, um aljofar, uma gemma...

E enlaçavam-se, em róridas capellas,
Dos matagaes sobre a opulenta coma,
As rôxas flores da Quaresma, ó Emma !
Nos sylvestres rosaes, das esponjeiras
Nas lividas grinaldas amarellas;
De inquietas borboletas bandoleiras
A tribu azul seu pabulo procura...

Quanto suave aroma !

Quantos beijos e musicas na aragem !
Que vegetal pujança e formosura
E viço ! E tudo verde, verde... E tudo
Verde, sem ser monotono, que, emfim,
Para quebrar essa monotonia
Da côr, ás vezes, um morango ria
Vermelho, entre a folhagem,
Como em tunica verde de velludo
Um botão de rubim...

Nós iamos seguindo ; e, em torno, immensa,
Ia desenrolando-se a paisagem...

Ora—uma varzea extensa,

Onde pavões garridos pompeavam,

E, em triumpho, ostentavam

O papo azul, a rutila plumagem,

E o vivo colorido cambiante

Da cauda cheia de olhos, que, offuscante,

Como um leque chinês ao sol abriam...
Ora—regatos, faceis serpejando
Entre seixos e flores, indolentes,
Que, como em leitos de carmim, fluíam,
 Nas palhetas rubentes
Do iris, de acceso vermelhão tingidos ;
Regatos, pelos quaes, de quando em quando,
Os passos, Emma, viamos tolhidos,
E que saltavas, trefega, molhando
 A fimbria dos vestidos...
Ora—entre bordas de virente alfombra,
 Adormecido á sombra,
Mysterioso lago, que se esconde,
 — Liso espelho de prata —
De um bosque sob a cupola odorosa ;
 Cuja lympha tranquillã
Em seu crystal copia as folhas ; e onde
Um palmipede niveo a vaporosa
Forma duplica na agua, que o retrata,
E uma flecha de luz, tremula, oscilla...

Mais e mais se animava o quadro. Sôam
Vozes humanas já. Um homem passa,
E, tirando o chapéo, nos comprimenta ;
E outro após... E os caminhos se povôam,
A proporção que a claridade augmenta.

A matinal neblina se adelgaça ;
E destaca-se além, no azul infindo,
De cada alegre chaminé subindo
Em tenues espiraes tenue fumaça...
Vinham de um lado e de outro camponezes,
Casaes de gente rustica trajada
Festivamente, a rir... A todo o instante,
 Para a beira da estrada,
Transeutes brutaes nos arredavam :
— Eram de ovelhas hartas greis, que, ás vezes,
Por nós, atropellando-se, passavam...
Eram, cheios de alforges, mais adiante,
Cargueiros animaes... Eram, depois,
Grandes carros de lenha carregados,
 Que chiavam, tirados
 Por tres juntas de bois
 Robustos e grosseiros,
Rasgando, em fofa terra, fundos trilhos ;
E os bois iam marchando resignados
E tardonhos, ao toque dos pampilhos,
 E ás pragas dos carreiros...

Quanto tempo perdemos ! Todavia,
 A igreja estava perto,
Que um dos gallos da torre apparecia
Já, rompendo o nevoeiro matutino...

Nós o passo estugamos : mas, de certo,
Foi em vão que estugamos, Emma, o passor;
Em vão, pois, por desgraça tua e minha,
Era tarde ! Troando pelo espaço
Amplamente e sonoramente, repicava o sino ;
As girandolas rápidas voavam ;
E, como um formigueiro, em confusão,
Da igreja ondas de povo borbotavam...
Meu Deus ! A missa terminada tinha !
Perdeste a missa da Ressurreição !



A UMA CANTORA

Cantavas. Sobre mim, frecha ligeira
Passou zumbindo no ar. . Amor, que estava
Juncto a ti, contra um'alma, delle escrava,
Despedira-a com mão pouco certa.

Mas vendo assim baldada essa primeira
Frecha, outra arranca da luzente aljava ;
Vibra-a ; e esta, emfim, aguda se me crava
N'alma. . . Arranca depois uma terceira.

E eu clamo : «Estou ferido ! Estou ferido ;
Suspende, Amor !» O Amor não nos faz brecha
Só pelos olhos, minha doce amada ;

Pelos olhos não foi ; foi pelo ouvido,
Foi pelo ouvido, que me entrou a frecha :
Sinto inda nelle a dor dessa frechada.



NUVEM BRANCA

Dizei-me : é ella a noiva casta e pura,
Que no alvôr dessa nuvem rutilante,
Passa agora ? Dizei-me, neste instante,
Turbilhões de translucida brancura ;

Collar, broches de perolas e opalas ;
Gaza que, em niveos flocos, por fôrmosas,
Rijas pomas de marmore, ondulosas
Curvas e espadoas de marfim, resvalas...

Dizei-me, branca, virginal capella ;
Nitida espuma de nevadas rendas ;
Alvos botões de laranjeira ; prendas
Symbolicas do amor ; dizei-me : é ella ?

E' ella a noiva ? E' mesto, ou prazenteiro,
Seu doce olhar ? Sorri alegre, ou chora,
Seu semblante gentil occulto agora
Do espesso véu no alvissimo nevoeiro ?

E' ella, sim ! Su'alma, entre os fulgores
Das claras tochas candidas e ardentes,
Nas cherubicas azas transparentes,
Vòa, festiva, a um thalamo de flores.

Mysterios nupciaes, quem vos devassa
E' um louco amante ! A meu olhar curioso
Velaes debalde o archanjo, o astro radioso,
Que, dentro dessa nuvem branca, passa...



IXION

A deusa amante e desejada é ella !
Todo o amor em meu seio arfa e redunda.
Abraço-a, e vergá ao braço, que a circumda ;
Beijo-a, e, corando, inda se faz mais bella.

Abraço a Juno, ou, louco, abraço aquella
Nuvem de ouro illusoria e vagabunda ? !...
Minha ventura, ó céus, é tão profunda,
Tão larga e tanta, que eu duvido della !

Que lindos olhos ! Que venusto e lindo
Gesto !.. Beijo-a de véras, ou supponho
Beijal-a, só, num sonho doce e infindo ?...

Não ! Durmo ; e o despertar váe ser medonho !
Durmo ; e sonho, de certo, assim dormindo !
Quem me assegura, que eu não sonho ? Eu sonho !



CONCHITA

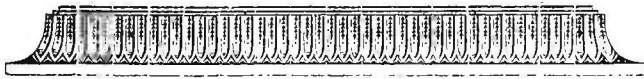
A Adolpho Araujo

Adeus aos philtros da mulher bonita;
A esse rosto hespanhol, pulchro e moreno ;
Ao pé, que no *salero*... ao pé pequeno,
Pé que, aligero e célere, saltita...

Lyra do amor, que o amor não mais excita,
A um silencio de morte eu te condemno ;
Despede-te ; e um adeus, no ultimo threno,
Soluça ás graças da gentil Conchita.

A esses, que em ondas se levantam, seios
Do mais cheiroso jambo; a esses quebrados
Olhos meridionaes de ardencia cheios;

A esses labios, emfim, de nácar vivo,
Virgens dos labios de outrem, mas corados
Pelos beijos de um sol quente e lascivo.



JESSICA

Breve, a purpura em flôr dessa pudica
Bocca, a beijar algum Romeu se atreve,
E o pudor, desse rosto sobre a neve
E a dupla rosa, rosas multiplica...

Hontem—criança ainda era Jessica,
Hoje—é moça; e não tarda que lhe enleve
A alma um feitiço novo e estranho; e, em breve,
Seu ninho virginal deserto fica...

Ao principio—criança, enche-lhe a vida
Toda um sentir diverso; depois—ama ;
Ama, eis tudo : adejou, váe-se, em seguida...

—Ave, que vò de uma flórea rama
Para outra rama flórea, seduzida
Pelo cantar do passaro, que a chama.



ZULMIRA

Quando Zulmira se casou . . . Zulmira
Era o mimo, a frescura, a mocidade ;
—Languido gesto, estranha suavidade
Na voz—solução de ineffavel lyra ;

Um candor, que não ha quem não prefira
A tudo, e esse ar de angelica bondade,
Que embellece a mulher, mesmo na idade
Em que a esquiva belleza se retira . . .

Não sei porque chorando toda a gente,
Quando Zulmira se casou, estava :
Se o noivo a amava, que razões havia ?

A mãe e a irmã choravam tristemente ;
Só o pae de Zulmira não chorava . . .
E era o pae, afinal, quem mais soffria !



ANIMA CHLORIDIS

A Valentim Magalhães

Róla a fouce de Ceres luminosa
No azul. Flora, vens já ; que a alma te sente
No éther fino, na luz, na agua, na umbrosa
Selva, e em tudo te aspira avidamente.

Vens. Na brisa odorifera e orvalhosa,
Passas . . . Abre o puniceo cravo ardente,
Abre a magnolia esplendida, abre a rosa,
Abre o alvíssimo lyrio redolente . . .

Passas... Que incenso o corpo teu vapora !
Resinas, flores... tudo, na ampla nave
Do templo de Vertumno, estilla e cheira.

Deixa-me, ebrio de ti; deixa-me, Flora,
Haurir-te a essencia, o espirito suave,
E, em extasis, beber tua alma inteira !



SONHO TURCO

A Lucio de Mendonça

Nasah, o miseravel thracio, um dia,
Em vãos anhelos e ancias vans se enfuna ;
De um acceso cachimbo o fumo o embala...
(Mahmú reinava então) Nasah dormia ;
E apparece-lhe em sonhos a Fortuna :
« Nasah, ergue-te e escuta ! » Assim lhe falla—

« Eu darei vida a tudo o que anhelares,
 Mesmo aos teus mais excentricos anhelos ;
 Sumptuosos, magnificos harens,
 Parques cheios de caça, amplos pomares,
 Castellos e castellos e castellos...
 Vé : tudo isso aqui tens !

« Queres thesouros mais ?—A's tuas plantas,
 Todo o Oriente geminifero fulgura.
 Queres sceptro e diadema ?—Cinge-os. Queres
 Luxo e volupias ?—Eil-as taes e tantas :
 Mulheres e cavallos, com fartura,
 Bems cavallos e esplendidas mulheres.

« Queres mais ?—Dou-te pródiga, a mãos cheias,
 As saphiras da Persia ; e, se o desejas,
 Do fundo gólfo os bancos de coral ;
 Oiro fluido percorra as tuas veias ;
 Seja oiro tudo o que tocares ; seja
 Um Midas oriental !

« Vês bazares, kiosques e mesquitas ?
 Torres-pyramidaes, que o musulmano
 Sol, de áureas cores tinge e de sinopla ?

Largas praças e ruas infinitas,
Onde, á luz, ferve um formigueiro humano...
Vês ? E' Constantinopla !

« Eis a Sublime Porta, onde scintilla
O Crescente de prata ; e o throno, 'eis, d'onde,
Já morto, acaba de tombar Mahmú ! »
« Que nova eu ouço ! »—diz Nasah, a ouvil-a—
« Sou eu hoje o Grão Turco ? »—E ella responde :
« Hoje o Grão Turco és tu ! »

Orna-lhe fulva pedraria o manto
Regio ; tiram-lhe o plaustro resplendente
Nedias parellhas de possantes arcos...
Prostra-se o povo... Passa Allah ? Nem tanto..
Passa um sultão apenas, simplesmente
O imperador dos turcos !

E elle, seguido de uma extensa linha
De janizaros, váe, do esplendoroso
Céu de Byzancio sob o pallio azul ;
E, entre festivas pompas, se encaminha
Para o mais rico, para o mais faustoso
Serralho de Stambul.

Entra ; é só delle este serralho inteiro ;
Guardam-no eunuchos mil de fronte baça,
E alfanjas mil a dardejar faiscas...
Entra, e acolhe-o um sussurro lisongeiro,
Lisongeiro sussurro, que perpassa
Numa nuvem de flores e odaliscas.

Uma é da Armenia ; com desleixo, estende
A negligente perna em molle e brando
Coxim... Olhos saudosos de Erivan ;
Olhos castanhos que a paixão accende ;
Languidos olhos humidos, boiando
Em luz ; gêmeos da estrella da manhan...

Outra é circassiana : a espalda, o busto
E as torres de marfim das pomas núas,
De fresca e rija carnadura, ostenta ;
Tronco de estatua, torso alvo e robusto,
Que, em duas grossas pernas, como em duas
Firmes columnas de alabastro, assenta.

Outra é filha de Bósnia : arfa radiante ;
Ou vingança, ou ciume, lhe guarnece
De lindas garras côr de rosa a mão ;

Desde o entono do collo á roçagante
Cauda, rainha triumphal parece :
Collo de cysne, cauda de pavão...

Outra é nubia talvez ; no olhar, que vibra,
Ha philtros infernaes, e estranhos gozos
Nos seios bronzeos, fartos e desnudos ;
E ha em seu corpo o viço e a tenaz fibra
Dos vegetaes dos tropicos, lustrosos,
Lanceolados, rispídos e agudos...

Outra é mestiça—rara flôr do Egypto ;
A' par dos labios sensuaes, que osculam,
E a redondez feminea dos quadris,
Mostra um temperamento hermaphrodito ;
Tem braços, que os amantes estrangulam,
Musculosos, elasticos, viris...

Outra... São tantas ! Tantas a enleval-o,
Mais, que as huris, formosas !
Nasah... Que digo ? ! O Grão Senhor delira !
Como polygamo e amoroso gallo,
A aza arrastando a innumeradas esposas,
Nem sabe qual prefira.

A sultana qual é, dentre essa turma
De captivas gentis? Qual mais ao grado
Será do Grão Senhor?
A eleita qual será, com que Elle durma,
Como um céu de verão, todo estrellado,
Sobre uma varzea em flôr?!

Nisto, nos braços da visão aerea,
Subito acorda o miseravel thracio:
Foi-se a Fortuna que, mendaz, o engana...
Acorda, não sultão, mas na miseria;
Acorda, não em rutilo palacio,
Mas na humilde choupana.

« Mal hajas tu, mendaz Fortuna! Certo,
Que enorme dita, ou desventura enorme,
E' tudo um sonho! »—diz Nasah emfim—
« Tu fazes que Mahmú sonhe, desperto,
O que sonha um vil thracio, enquanto dorme,
E de ambos vives a zombar assim! »



NO ANNIVERSARIO DE UM POETA

A Alberto de Oliveira

A lyra de ouro, hoje, threnos
Vibra, ou cantos joviaes ?
Tantas illusões de menos,
Por alguns annos de mais !

Talvez, como eu, neste dia,
Sobre o gélido limiar
Do alcáçar da Phantasia
Te vás, tristonho, assentar ;

E, desse alcáçar á porta,
Carpir tua alma, hoje, vá
Tanta esperança já morta,
Tanto sonho morto já !

Talvez, nos olhos, não te ha de
Scintillar, hoje, o prazer,
Mas um astro da Saudade
Em cada lagryma arder !

Talvez nos vai-vens da vida,
Como a aguia no temporal,
Tu sintas à aza partida
Do teu altivolo ideal !

Talvez, ingreme Calvario
Subas, em silencio e só,
As contas do teu rosario
De pranto a espalhar no pó ;

Não possas, desses caminhos
Ermos, parar, através,
Para arrancar os espinhos,
Que te lacéram os pés.

E a tudo a alma se conserve
Indifferente... Feroz,
O mundo esbraveja, ferve
E gyra em tornó de nós !

O mundó! Em cantos maguados,
O Nume inquires, talvez,
Que, a esta ilha de degradados,
Um dia, aportar nos fez !

O mundo ! A Colera louca ;
O Suaento córcel
Da Ambição ; da Inveja a bocca
Esverdirhada de fel...

Tu nada vês ; nada eu ouço ;
Fictamos só, da illusão
Ô descarnado arcabouço,
Em muda contemplação !

E rüem, no vácuo e á mingua,
Nossos castellos de luz,
Como o fróco, que uma lingua
De fogo a cinzas reduz.

Más não!... Na dor não me imites!
Para ti (não para mim)
No horizonte sem limites
Palpitam mundos sem fim.

Se illusões esta alma ardente
Perde agora, a perda é vã;
Da chrysalida esplendente
Romperão mais amanhã.

Enche as palhetas celestes
Das tintas de outro arrebol;
E cóze os rasgões das vestes
Com raios de ouro do sol.

Firme sempre, á Gloria avança!
 ue ahí, quem forças perdeu,
Quem desanima, quem cança,
Fica na estrada, como eu!

Como tu, rindo e cantando,
Outros vêm... Deixa-me aqui;
Deixa-me a sós; séguez o bando,
Que alegre passa por ti!

Canta, poeta ! Sólta, ó musa,
Aos sonoros borbotões
De tanta luz circumfusa,
aza das tuas canções!

Inda, o manto frouxo e leve
Tecendo de flores mii,
De alvos jasmins sob a neve
Sepulta os campos Abril ;

E, aos castos sorrisos de Hebe,
Inda um vinho forte á flôr
Da taça te espuma : Bebe !
Bebe á Alegria e ao Amor !

Que altas paragens radiosas!
Que infindo azul o Porvir !
Corôa a fronte de rosas,
E a taça esgota, a sorrir !



SÓZINHA

E' tarde, e elles não vêm! O dia finda,
E, extinto archote, tomba o sol... A' estrada
Lança os olhos, anciosa, e não vê nada ;
Recolhe-se á cabana, e espera ainda.

Cerra-se a noite em toda a curva infinda
Dos céus... E elles não voltam da caçada!
E ella tão só! Já pende fatigada,
Cheia de somno, a sua fronte linda.

Dorme. Alta noite acorda. Os cães latiam
Fóra, e julgou ouvir, confusamente,
Como um tropel, na solitariã rua ;

Antojou-se-lhe logo, que seriam
Elles e a porta abriu... Ninguém ! Sómente,
Por trás da serra, ia se erguendo a lua...



PRIMEIRAS VIGILIAS

Dos revoltos lençóes sobre o deserto
Despejava-se, em ondas silenciosas,
O luar dessas noites vaporosas,
De seu languido calix todo aberto.

Rangia a cama, e deslisavam perto
Alvas, femineas formas ondulosas ;
E eu a idear, nas ancias amorosas,
Seus hombros nús, seu collo descoberto...

E a gemer :—«Abeirai-vos de meu leito,
O' sensuaes visões da adolescencia,
E abraçai-vos na pyra em que me inflammo !

Fervem paixões despertadas no meu peito ;
Descáe a flôr virginea da innocencia,
E irrompe o fructo dolorido... Eu amo ! »



A FLÔR AZUL

A flôr azul pendia murchá ; e, agora,
Eil-a, outra vez, erguida
Na hastea a sorrir, fresca, cheirosa e bella.
Que Nume, com o aroma e a côr, a vida
Lhe deu, de novo ? A aurora ?
A brisa ? O orvalho ? A luz ?...

— Não ! Foi aquella

Pallida nympha, cujo olhar piedoso
Na flôr pousára, ha pouco :—da saphira
Desse olhar, na do calice oloroso,
Uma lagryma tremula cahira...



VESPER

A João Ribeiro

Do seu fastigio azul, serena e fria,
Desce a noite outonal, augusta e bella ;
Vesper fulgura além... Vesper ! Só ella
Todo o céu, doce e pallida, allumia.

De um mosteiro na cupola irradia
Com frouxa luz... Em sua humilde cella,
Contemplativa e languida á janella,
Triste freira, fictando-a, se extasia...

Vesper, envolta em deslumbrante alvura,
O' nuvens, que ides pelo espaço a fóra !
A quem tão longo olhar volve da altura ?

Que olhar irmão do seu procura agora
Na terra o astro do amor ? O olhar procura
Da solitária freira que o namora.



POEMA DA NOITE

A *Narcisa Amalia*

Teus cantos o esplendor e a formosura
Da noite exalçam. Languido arripio
Percorre as folhas. Que fragrancia pura
Respira em torno o laranjal sombrio !

Doce palpita a brisa na espessura
Das sebes vivas. Suspiroso, o rio
A ribanceira em flôr beija, e murmura
A espreguiçar-se no seu leito frio...

E' um poema de amor, que eu ouço ; ha tantas
Rosas a abrir no campo ; e, cento e cento,
Rompem astros no paramo infinito...

Canta. Eu releio o poema, que tu cantas,
Nessa pagina azul, que o firmamento
Desdobra, todo em letras de ouro escripto...



TRISTEZA DE MOMO

A Augusto Bastos

Pela primeira vez, impias risadas
Susta, em prantos, o deus da Zombaria ;
Chora ; e vingam-se delle, nesse dia,
Os sylvanos e as nymphas ultrajadas ;

Trovejam boccas mil escancaradas,
Rindo ; arrombam-se os diques da alegria ;
E estoura descomposta vozeria
Por toda a selva, e apupos'e pedradas...

Fauno o indigita ; a Náíade o caçôa ;
Satyros vis, da mais indigna laia,
Zombam. Não ha quem delle se condôa !

E Echo propaga a formidavel vaia,
Que, além, por fundos boqueirões rebôa,
E, como um largo mar, róla e se espraia...



EVITERNO AMOR

A Oscar Rosas

Essa historia do amor, que, a uma só vida,
Bilhões extráe, prolífico e fogoso,
Essa — ó. genero humano desditoso! —
Enche o tempo, enche o espaço, indefinida...

Adão, o arrependido, e a arrependida
Eva, eil-os avexados, ante o iroso,
Biblico deus, severo e rigoroso,
De quem toda essa historia é já sabida.

E Elle que, em beijos e ais, no Eden surprende
O agil mancebo e a adolescente liãda,
Sobre ambos vingadora a dextra estende.

Arrependem-se ? Embora ! O amor não finda,
Pois o par amoroso se arrepende
De ter amado, mas... amando ainda !



DOLORES

A. Alfredo de Souza

Setembro, em vão, festivo aponta agora !
Ninguém sorri, porque Dolores chora ;
Não mais luz de esperança uma scintilha
No olhar d'antes enxuto e jovial.
Do teu olhar, porém, na doce e linda
Transparencia, Dolores, viva ainda,
Vê-se a paixão, como uma flôr vermelha
Dentro de um fino vaso de crystal.

Não mais lembres, que tanta aleivosia
Só de entranhas de pedra partiria,
Quando o teu coração, *elle*, medonho,
Aos pés calcou, da Insania no festim.
Phrases trocadas na cruel doudice,
Ouvido, que as bebeu, bocca, que as disse...
Tudo se foi, Dolores, como um sonho;
Como um sonho, passou... Desperta, emfim!

Inda bem, que *elle*, pallida Dolores,
Inda bem, que *elle*, machucar-te as flores,
As pobres flores da infantil capella,
Não pôde, infame, com grosseira mão.
Com supremo desdem, solemne e triste,
Vibrando a lingua, ás faces lhe cuspiste
Os juramentos todos, que, com ella,
Proferira esse incauto coração !

Hoje não mais te afaga, de mansinho,
O gesto a aza invisivel de um carinho,
Porque a perfidia ainda te magôa
E teu labio se affez a condemnar.
Ai Dolores ! teu labio, hoje, sem pena,
Porque é preciso condemnar, condemna ;
Mas o teu coração... esse, perdôa
Pois inda ao mesmo continúa a amar.



PHILOMELA

Gorgeia flebeis amores,
Sobre o lago, a ave canora ;
Sobre o lago chove a aurora,
Da espessa ramada, flores...
Sobre o lago, a ave canora
Gorgeia flebeis amores.

As notas desse hymno ardente
Vôam, revôam, suaves ;
Como um doudo bando de aves,

Vão-se pelo ar transparente. .
Vôam, revôam, suaves,
As notas desse hymno ardente.

Róla em ondas a harmonia
Pelo outeiro, pela vargem . . .
Torrentes de ouro se espargem
No azul; o sol irradia.
Pelo outeiro, pela vargem
Róla em ondas a harmonia.

Só se escuta o passarinho.
Silencio ! E' muda a folhagem ;
Baixinho cicia a aragem,
A agua sussurra baixinho . . .
Silencio ! E' muda a folhagem,
Só se escuta o passarinho.

Dos paizes de onde veio
Chora o clima e as primaveras.
Quantas douradas chimeras
Palpitam no seu gorgeio !
Chora o clima e as primaveras
Dos paizes de onde veio.

O espaço em torno resôa . . .
E enquanto, incauto, elle trina,
Vôa uma ave de rapina . . .
Sobre elle um milhafre vôa,
Emquanto, incauto, elle trina
E o espaço em torno resôa . . .

A Innocencia aos pés do Crime
Assim sorri descuidosa !
Sem presentir a maldosa
Garra, que presto a comprime,
Assim sorri descuidosa
A Innocencia aos pés do Crime !

Nemrod, a Innocencia salva
E impede o Crime execrando !
Tu, que as selvas perlustrando
Vives, desde o romper d'alva,
Impede o Crime execrando,
Nemrod, e a Innocencia salva !



MOFA E DESPEITO

Não mais o amor (se maldizes
O amor dos poetas) te afaga ;
Já, com desdens, se não paga
O amor desses infelizes.

Para que o meu não mais pises,
Meu proprio orgulho hoje o esmaga ;
E, em breve, da estranha chaga
Só restarão cicatrizes.

Sintas, em tons infamantes,
Tudo o que machina e sonha
Protérvo despeito ; e, assim,

De pejo succumbas antes !
Antes córes de vergonha,
Do que te rias de mim !



EMISSARIO DOS DEUSES

A casta irmã do Sol (porque não ache
Bem numerosa a comitiva bella
De suas nymphas) augmental-a intenta ;
E alto emissario, á Terra, faz que baixe,
Para, entre as filhas mais formosas della
E mais castas, colher-lhe umas... noventa.

Pobre emissario ! Está perdida a Terra !
Debalde, percorreu praças e ruas
De cidades e aldeias...
Muita mulher formosa o mundo encerra ;
Castas, porém, elle encontrou só duas,
E essas duas.. horrivelmente feias !



O VENTO E O TABELLIÃO

Estronda a porta.. Cáo (maldicto vento !)
Do parapeito um vaso... Quem vos salva,
Minhas begónias e meus pés de malva ? !
—Sôam palmas, porém, neste momento...

Tu vens (tu, que és o proprio Fingimento
De nasóculos de ouro e enorme calva,
Tu, que tens a consciencia menos alva,
Do que os punhos) lavar meu testamento ? !

Sorris co'a polidez de um falso amigo.
Mas.. levou-te o chapéo essa lufada,
Que as minhas malvas e begónias próstra...

A esse vento brutal já não maldigo,
Porquanto, ao menos, se não fez mais nada;
De um falso amigo pôz a calva á mostra.



A ESTATUA DE JUPITER

La Fontaine

«Mármor !—o artista dizia
Se te este sinzel lavar,
Que te ha de, ó mármor, á fria
E dura entranha arrancar?!

«O deus será, que, na altura
Estellifera, repousa,
Por ventura ? Ou, por ventura,
Será outra qualquer cousa ?

«Não ! Será deus. Será ! Quero,
Que seja um deus ; que, na mão,
Astros tenha, e tenha féro
O aspeito, e féra a expressão !

«Quem, sobre nós, traz suspensos
Os sóes, o trovão, o raio,
Eil-o ! Homens, tremei ! Incensos,
Ardei ! E' deus: adorai-o !»

Com raro genio e alma rara,
Talha a pedra o artista... e, após,
Nada a Jupiter faltara,
Se lhe não faltasse a voz.

E elle mesmo, á magestosa
Catadura e ao torvo cenho
Do deus, pasmou da pasmosa
Producção do proprio engenho.

Assim, louco, assim, como esse
Allucinado esculptor,
O homem creatura fez-se
Do deus de que é creador.

Certo, foi isso na infancia
Do mundo; e, na infancia, a gente
Dá valor, dá importancia
A bonecrinhos sómente.

O que sonhou, triunphante,
Cada um abraçando vae ;
Pygmalião fez-se amante
Da Venus de que era pae.

Illusões ! Quem nas não segue ? ! . . .
Dellas nasceu, na verdade,
O paganismo a que entregue
Se viu toda a antiguidade.

Toma quemquer por modelo
Ao que não inspira fé ;
E'—fogo, ante o falso; e—gêlo,
Ante o que falso não é.



VICTOR HUGO

E' o informe Quasímodo—um portento
De hediondez, que inspira nojo e espanto ;
E' Thenardier—um vil chacal ; enquanto
Han de Islande—um jaguár sanguisedento !

Só um deus, fibra, musculos e alento
Daria a monstros taes !... Pulsa, entretanto,
Nessa tiorba divina, em flebil canto,
O nervo ideal do humano soffrimento.

Tambem, entre assombrosas harmonias,
Rompem soluços; e, do rôto cofre
De tua alma entre as raras pedrarias,

Fulge, transluz a lagryma—esse aljofre...
Ah! E's um homem, sim! Um deus serias,
Se um deus soffresse; mas um deus não soffre!



EPOPEIA DO LEÃO

(V. Hugo)

A minha filha Lavinia

I

O PALADINO

Certo leão, empolgando uma criança, um dia,
Com a préa infantil penetra na sombria
Floresta—velha mãe das fontes e dos ninhos.
Com carinho (se em leões concebe alguém carinhos)
A leva ; e nem com mais melindre á primavera
Se colhe um lyrio. Emfim, magua nenhuma a fera
Produzia no infante, ás suas garras preso.
Indulgencia suprema, ou supremo despreso !

Um leão é sempre assim : medonho e generoso.
Mas o pequeno é que era um grande desditoso,
De carne crua, só, nutrindo-se na furna,
Que estremecia toda, á rouca voz soturna
Do monstro aterrador. Comtudo, essa criança
Era o filho gentil de um rei da vizinhança,
Que só tinha, além d'elle, ingenua e tenra filha
Inda mais nova. O olhar do principe rebrilha
No casto alvorecer de uns dez annos de idade.
Era o herdeiro do Throno.

A infausta novidade,
De bocca em bocca, chega a todos, num momento ;
E o povo, sabedor desse acontecimento,
Mais, que a seu proprio rei, temendo o rei selvagem,
Nada ousava fazer.

Certo heróe, de passagem,
Pousou nesse paiz. Narraram-lhe a funesta
Aventura ; e elle, audaz, dirige-se á floresta.

*
* *

Num covil, onde a custo a luz do sol coava,
E' que vivia occulta a horrivel besta brava ;
Tinha por travesseiro um penhaseo, e por tecto
O bosque a emmaranhar, sobre um pantano infecto,
A rede vegetal dos troncos e dos galhos.
Era uma colossal floresta de carvalhos ;

Alpestre, duro altar druidico de Marte ;
Em honra de Irmensul, massiço baluarte.
Selva, como as da antiga e proverbial Bretanha,
Que por balisa têm uma enorme montanha,
Cujo topo avassalla o horizonte infinito...
Larga brecha, quiçá, rasgada no granito
Pela brutal descarga electrica de um raio :
Eis, onde habita o rei dos bosques. Respeitai-o !

*
* *

Mas o heróe penetrou no palacio selvagem.
Respira tudo um ar de assombro e de carnagem :
Viam-se, em basto acervo, esqueletos ; e ossadas,
A granel, pelo chão, tabidas, espalhadas...
Dentro, uma fisga só, na rocha viva aberta
Pelo estampido atroz de algum trovão, de incerta
E tibia claridade o fundo inteiro enchia :
— Para as corujas—noite, e para as aguias—dia.
Basta-lhe esse luar, que, pela estreita fresta,
No interior se filtra. O musgo e a inculta giesta
Tecem-lhe molle cama, á beira do penhasco,
Tão deleitosa, ou mais, que as rendas e o damasco
De um fofa imperial de amplíssimas cortinas.
O vinho, elle o não bebe em taças crystallinas ;
O vinho que, em bolhões, lhe espuma e ferve quente
Na rubra gorja é sangue E' sangue, que, sómente,

Lhe farta a fome e o deixa onusto e saciado !
Nesse antro foi que o heróe, de ponto em branco armado,
Entrou...

*
* *

Elle viu logo a fulva grenha espessa,
Que ao rei dos animaes coroava a cabeça ;
— Diadema natural de uma cabeça hedionda.
E o leão mudo a scismar, talvez. Talvez se esconda,
No abysmo interior dos monstros mais immundos,
Uma philosophia ignota ; estrellas, mundos
De aspirações ! Quem sabe, uma alma lhes fuzilla
Na impenetravel treva arcana da pupilla !
Certo, que um deus tambem dentro d'alma lhes cabe !
Dentro delles, tambem, peleja o ideal, quem sabe,
Batalhas de que são discretas testemunhas !
Absorto, o leão raspava, as sanguinosas unhas
A aguçar, o rochedo, onde jazia ; quando
O heróe se approximou aos poucos, hesitando.
Tinem as armas, sôa o passo : e a fera nada
Ouvia, em reflexões profundas mergulhada !
Quando Theseu transpôz do Tartaro os batentes,
Onde Sisyphe e Ixião rugem, rangendo os dentes,
Em tal região não viu, de punição eterna,
Mais pavorosa, e negra, e lôbrega caverna !
A honra aguilhôa o heróe, clamando-lhe : caminha !
Salta-lhe, como um raio, a espada da bainha.

Mais que o seu duro olhar, faisca o aço invencível.
E o animal nem sequer se ergueu ; calmo e terrível,
Apenas sacudia a crespa juba hirsuta...
E o paladino estrenuo assim lhe falla :

— « Escuta !

Tu encerras aqui, ó carniceira fera,
Uma infeliz criança ; ancioso, o pae a espera ;
E eu para restituil-a ao pae vim ter contigo.
Ouve : terás em mim o teu maior amigo,
Se me entregares, leão, essa infeliz criança.
Se não, treme ! Será cruel minha vingança !
Eu sou um leão, tambem ; sou corajoso e forte ;
Derrubar-te-ei, dar-te-ei a mais mesquinha morte.
Meu gladio é rijo, e o punho é valido e seguro ;
Morrerás ; e, amanhã, pelo teu fojo escuro,
Passará todo o mundo, a rir, sem mais receio ! »
E o pensativo leão lhe respondeu :

— Não creio !

O cavalleiro então, irando-se, lhe brada :
—Alerta, ó monstro ! E vibra a sua fina espada...
Mas viu-se o leão sorrir ! Sorriu ! Cousa tremenda !
Nunca faças sorrir um leão !

A atroz contenda

Rompe. Chocam-se os dois, raivosos, espumantes.
Era um descommunal combate de gigantes.
Pugilato em que Antêo com Hercules esbarra.
Um tem o arnez ; tem outro a inexoravel garra.

Uiva e arqueja a voraz ferocidade, em frente
Da astucia e do valor !

Por fim, subitamente,
O heróe tombou aos pés do monstro; e o monstro o enlaça.
Estrangulando-o sob o ferro da couraça !
O sangue esguicha; o chão e as pedras se ensanguentam;
Nervos, musculos de aço estalam, arreventam...
Ringem ossos, e, rôta a rispida armadura,
Entre os dentes, o leão, famelico o tritura !
E o corpo lasso, após tão renhidos esforços,
Repleto espicha, e dorme...

E dorme, sem remorsos !

II

O FRADE

Veio um frade em seguida. A sua roupa austera,
Negra, é negra inda mais, que a habitação da fera.
Entrou. O mesmo fim, que trouxe o cavalleiro,
O traz; só differença havia em que o primeiro
Empunhava uma espada, e este uma cruz empunha.
O monstro, de seu passo ao rumor, estremunha;
Cráva os olhos no frade; e, horripilado, pasma
Vendo tão singular, ridiculo phantasma:
O trevoso capuz; e, em torno ao ventre, um grosso
Cordão, que antes trazer devera no pescoço !

Nunca elle vira, o leão, ominosas figuras
Em seu covil. Boceja e rosna :

— Que procuras

Aqui ?

— Meu rei.

— Que rei ?

— O infante.

— A uma criança

E' que chamas teu rei ?!

— Entrega-m'o ! Com mansa

Entonação na voz, diz a tremer o frade ;

E após, com submissão e hypocrita humildade :

— Porque o roubaste ?!

E o leão, com ar de zombaria:

— Para fazer-me aqui, neste antro, companhia,

Que a solidão de tedio e nojo me consome.

— Devoral-o-ás ?

— Pois não ; se acaso tiver fome !

— O' generoso leão ! retorque o frade, pensa

Da sua afflicta mãe na funda magua immensa.

Ao menos, de' uma mãe, não ha quem se não dôa !

— Minha mãe tambem era uma infeliz leôa ;

E a mataram sem dó os homens !

— Sê clemente !

Sê piedoso ! A seus paes restitue o innocente !

A' bemaventurança irás, depois da morte.

Para que entres no céu, dar-te-ei um passaporte.

Não crês em Deus? Pois bem; eu sou de Deus ministro...
 Nisto, subito, o leão, com um berro sinistro,
 Interrompendo o frade, apavorado, o enxota:
 — Apre! Sae já d'aqui, frade imbecil e idiota!
 Sae já! Se não...

E foi-se o frade...

III

A CAÇADA E A NOITE

Então, sózinha,
 Torna a fera a dormir.

A Noite magna vinha
 A esse hemispherio impôr o augusto e negro sceptro.
 O plenilunio, além, branco como um espectro,
 Apparece; e o livor da fria luz, que espalha,
 Muda o argenteo lençol dos tanques em mortalha;
 Em sarcophago cada outeiro; e a ampla paisagem
 Em pavoroso ephialta afunda. Nem de aragem
 Entre folhas, nem de agua entre seixos, se escuta
 Bulicio algum, que altere a placidez da gruta,
 Onde resona o leão.

Os astros, surdamente,
 Por estradas azues, marcham para o occidente...
 Nos hervaçoes se abriga a cigarra; a toupeira
 Sob a terra se occulta; e a vasta selva inteira

Acolhe os animaes todos, adormecidos...

E eis que um rude clamor irrompe ! São latidos
De matilhas, clarins troando, vozeria,
E-estrupeido brutal de ginetes... Tremia,
No inopinado horror dessa invasão estranha,
Tudo: o lago, a planície, a floresta, a montanha...
Poyoa-se o silencio ; e, á diamantina e bella
Irradiação da luz, rasga-se a atroz procella
De uivos e imprecações, que os ares abalavam.
Vagas sombras, por entre as arvores, passavam :
Sombras de homens, de cães, de corcéis jaezados...
Era um exercito ; era um troço de soldados,
Que o rei, para remir o seu herdeiro, impelle.
E hão de matar o leão ! E hão de arrancar-lhe a pelle!
De que lado da noite a rebelião estava ?
Do lado de tal rei ? Ou do da besta brava ?
Tão inviolavel é da besta brava a tóca,
Como a casa do rei ! E o rei, porque a provoca ? !

Rutilam ao luar polidas armaduras,
Emplumados murriões, chuços de ferro, duras
Lanças, cuspides mil... Que hirta brenha ondulosa
De armas ! Que monteria audaz e valorosa !

E o leão, dentro, em seu antro, esse tropel ouvindo,
 Impassivel ficou ; e, as palpebras abrindo,
 Sem da pedra a caheça erguer, fulva e disforme,
 Abanava sómente a sua cauda enorme.

*
 * *

Mas fóra, derredor da furna socegada,
 Compacta multidão braveja amotinada,
 Quaes, em torno a um cortiço, enxames zumbidores.
 Em ordem de batalha os fortes caçadores
 Vão-se dispondo já ; não sem algum receio.
 Sabem que o bruto é grãnde, e corpulento, e feio ;
 Sabem que, tendo fome, era capaz, o bruto,
 De engulir um heróe, como um macaco um fructo ;
 Sabem que, o olhar agudo, a propria aguia, submissa,
 Baixa ante o seu olhar; sabem que elle, em carniça
 E sangueira, manchando a garra, é que se alegra.
 Sabem-no ; e dão-lhe, pois, a honra de um cerco em regra.
 A tropa o matto bravo, em roda, e os espinheiros
 Abate; embebem no arco as flechas os archeiros;
 E, as fileiras cerrando, avançam todos. Fez-se
 Silencio, afim de que, se, acaso, apparecesse
 O monstro, ao crepitar das folhas, o ruido
 De seus passos pudesse, ao menos, ser ouvido.
 Marcham todos assim, mudos, acautelados
 E attentos, reprimindo o folego; e, atrellados,

Os rafeiros, pendente a lingua e a bocca aberta,
A' dianteira vão... A dubia flamma incerta
Dos archotes, vermelha, as arvores banhando,
Gyra em oscillações phantasticas...

O bando,
No denso bcsque a entrar, cada vez mais se interna...

E eis que, surge afinal, recondita, a caverna !
Immersa em funda paz; parece que quem mora
Dentro não sabe ainda o que se passa fóra !
De fóra, olhar algum seus penetraes devassa !
Um incendio latente, ao menos a fumaça
Denuncia-o, escapando em rolos sulphurinos ;
Numa cidade em sitio ha rebate de sinos;
E alli náda revela o que ha occulto ! Tudo,
Nas cercanias, queda, horrivelmente mudo,
Num silencio oppressor, como a tranquillidade
De um céu negro, á surdina, armando a tempestade.
Elles seguem. Cada um, a esquadrinhar, espia,
Já receiando muito achar o que queria.
Chegam juncto á caverna : a luz, pallidamente,
Illumina-lhe a bocca escura.

De repente,
Sordir se viu da sombra um vulto formidavel !

*
* *

Era o leão.

Um pavor, subito, incontrastavel
Os animos quebranta. E treme o bando todo !
Mesmo os de mais valor, mesmo os de mais denodo,
Tremem! Flechas, no entanto, os archeiros dispararam;
Flechas que, a sibilar, no monstro se cravaram...
Estê immovel, porém, como Pélion, ou Ossa,
Quando a borrasca estoura e os flancos seus acossa,
Impavido fictou na tropa o olhar sombrio !
Perdem todos a falla ! Horriavel calefrio
Os membros lhes percorre ; o assombro os estupora
E os prende ao chão ! Que olhar, esse que os ficta agora !
Pulando, os corações nos peitos já não cabem !
E' um monstro, ou um deus, que os olha assim ? ! Nao sabem !
Então, do altivo dorso as flechas sacudindo,
Em meio a solidão calma do espaço infindó
E a solemne mudez do bosque mysterioso,
O leão rugiu ! Rugiu um rugido espantoso,
Alto, desses, que vão da terra ao céu enorme
Assustar o trovão, que no seu leitô dorme,
E fazer que elle accenda, entre bulcões, o facho
De um relampago, a vêr o que se passa em baixo !

Fogem todos ! Dissipa a fuga, num instante,
A legião, como o vento a nevoa fluctuante;

Em profugo tropel, promiscuos e ligeiros,
Caçadores, mastins, cavallos, cavalleiros,
Se somem pelos quatro angulos do horizonte..
E o leão, vendo-os fugir, exclama:

«O' selva ! O' monte !

Vêde : os servos do rei fogem covardemente !
Vêde ! Ao menos um leão é livre ; e unicamente
Os livres sabem ser intrepidos e bravos !
Ante um ser livre só, que valem mil escravos ? !»

*
**

Tem lavas o volcão, e a fera tem bramidos ;
Manifestam-se assim ambos enraivecidos.
Mas basta essa erupção que sobe ao firmamento,
Para lhes aplacar a raiva, num momento.
Os leões são mais, talvez, que os deuses, impassiveis.
Nos bons tempos do Olympo, os Hercules terriveis
Diziam-lhes : «Tremeis, quando vos vem á idéa
O monstro suffocado ás portas de Neméa ;
Bem sabeis, que, se nós, de novo, á terra vamos,
De uma só feita, os leões todos estrangulamos ! »
E os generosos leões ouviam-n'os sem furia,
Menosprezando a ameaça e perdoando a injuria !

Comtudo este, depois do ataque infame e abjecto,
Que acaba de soffrer, guarda um sombrio aspecto.

Que a caniçalha vil turbar-lhe o somno ousassé,
E affrontal-o em seu antro ! Elle não é da classe
Dos que olvidam, sem custo, affrontas semelhantes.
Estava, ha muito, affeito a combater gigantes ;
Mas não pigmeus ! A força, o odio, a bravura, o arrojo,
Empregal-os em cães rasteiros mette nojo !
O rei ha de pagar bem caro esta façanha !

E, torvo, o leão subindo o auge de uma montanha,
Como um sementeiro espalhando a semente,
Semea na amplidão, prophético e eloquente,
O verbo atroador, cheio de magestade,
Para que o rei o ouvisse, ao longe, da cidade :
—«Offenderam-me; e o autor da offensa recebida
E's tu, ó rei ! Pois bem: teu filho inda tem vida;
Vivo, incolume e-são, guardo-o em meu antro escuro;
Inda lhe não toquei ! Ouve, porém:—Eu juro,
Eu juro, que, amanhã, na cidade, onde habitas,
Ante brados de horror e ondas de povo afflictas,
Ante o assombro e a geral consternação das gentes,
Hei de entrar, com teu filho atravessado aos dentes !
E após, no proprio paço, ante os bajuladores
E torpes cortezãos ; ante a pompa e os fulgores
Do throno de ouro; e, emfim, ante o faustoso brilho
De toda a corte, ó rei, hei de engulir teu filho !»

Foi-se a noite. Raiou um sol festivo... Em breve
O que se vae passar, porém, não se descreve:
Gritos; gente a fugir; burgos e estradas nuas;
Tudo deserto; e o leão pelas desertas ruas. .

VI

POSTRIDIO

Toda a população se esconde; e, de vigia,
Nem um soldado só, nas trincheiras se via !
As portas da cidade acham-se escancaradas.
Certas feras estão como que circumdadas
De um sobrenatural e estranho magnetismo ;
E, oriundas da noite, oriundas do abysmo,
Vão talvez para a luz, venham talvez da treva,
A um sagrado destino ha sempre um deus que as leva !
E a mão que as guia, enfim, é tão atterradora,
Que uma impiedade infanda, ou sacrilegio, fôra
Contra ellas atrever-se alguém a alçar o braço
Assassino; ou, sequer, a embargar-lhes o passo !
Para o palacio real, cujo zimbório altivo
Além pompeia, o leão caminha pensativo.
Eriçando-lhe o dorso algumas flechas restam
Cravadas, que a aggressão da vespera inda attestam.
Assim, na rija casca, o roble alto e copado
Conserva inda os signaes dos côtes do machado ;

Mas não tombou ; de pé, duro, sacode aos ventos
A tortuosa rama...

O leão, a passos lentos,
Por uma rua larga e despovoada avança,
Transportando, que horror ! uma infeliz criança
Nos dentes entalada... E' um principe ? Embora !
Por elle a compaixão, nas trevas, tambem chora !
Medo só ; dor nenhuma a criança indefesa
Soffre, entretanto. O leão tinha-a entre os dentes presa ;
Mas, para a não maguar, sentia-se impedido
De rugir, de soltar o minimo rugido.
Ora, em tal bocca, o infante era cruel mordança,
Pois, sem rugir, um leão difficilmente passa ;
E o rancor concentrado, uma valvula achando
No olhar do monstro, ahi dardeja, formidando !

Nenhum archeiro atraz das casas se emboscava
Para um arco assestar sobre essa besta brava ;
E' que talvez pudesse a flecha, em tal instante,
Não acertar no leão, e ir acertar no infante !

*
* *

O monstro vae cumprir, emfim, a jura estranha,
Que proferira, á noite, em cima da montanha ;
Dirige-se ao palacio ; encontra-o todo aberto ;

Entra, e não vê ninguém ! E o rei ? Fugiu, de certo,
Que elle preza tambem a vida; e, de ordinario,
O monarcha se julga aos povos necessario.
Quanta gloria, ao morrer, elle não vê perdida !
Por isso é natural que um rei, á propria vida,
(Mais que, á sua, qualquer dos seus vassallos) ame.

«O rei, fugindo, esquece o pae ! Que pae infame !
Pois bem ; vou devorar-lhe o filho !» Eis o que a fera,
A quem tanta baixeza enoja e desespera,
Diz entre si, na sombra illimitada e calma,
Que é nas feras tambem, como nos homens,—a alma.
Depois, a percorrer compridas galerias,
Corredores, salões e cameras vazias,
Sobre as quaes, sepulchral, paira um silencio vasto,
Busca um recanto achar mais proprio a seu repasto.
«Um principe é, por certo, uma iguaria rara !»
Pensa, esfaimado, o leão...

Mas, de repente pára.

*
* *

Juncto de um parque em flôr, numa alcova pequena,
Em seu candido leito, um lyrio, uma açucena,
Um debil ser jazia, angelico e tão lindo ;
Esqueceram-no allí os paes, talvez, fugindo.

Era a filha do rei. Deixaram-na esquecida,
De seu berço infantil nã's faixas envolvida.
Acorda; olha ém redor; balbucia, gorgeia;
Não suspeita o perigo, e, pois, nada receia ;
Move os bracinhos nús, e ergue as mãos pequeninas,
Sorrindo para o sol, que brinca nas cortinas..

Tinha dois annos só! Imaginai agora
Dois olhos a nadar num limpo azul de aurorã ;
Um astro a scintillar num fundo de saphira;
Uma ineffavel voz de melindrosa lyra;
Numa pequena bocca, um grande riso aberto ;
Um anjo mais do céu, que deste mundo, perto;
Um menino Jesus em seu presepio; um ninho,
E, em macios frouxeis, implume passarinho;
Uma flôr entre a neve; um meigo e doce raio
Entre as nuvens de Abril sorrindo... Imaginai-o !

Na alcova o leão entrou; tremeu o pavimento !
Volta-se a criancinha, e vê, neste momento,
Entre as garras da fera o irmão ; conhece-o e grita :
Irmão ! Irmão ! E o ingenuo olhar, sem susto, ficta
No monstro, em cuja entranha as coleras estúam ;
Ante o qual os Typhons e Briaréos recúam;

De cuja bocca, emfim, regio pimpolho pende.
Ficta-lhe o ingenuo olhar sem susto; e, após, estende
(Num cerebro infantil quem sabe o que se passa ?!)
Estende um dedo róseo e pequenino, e o ameaça !

E o rufo leão, dobrado em sua magestade
De monstro e imperador, contempla-a com piedade.
Depois, depondo intacto o infante, exclama triste :
—«O que não conseguiu ninguem, tu conseguiste,
Fragil sér, que sorris no liminar da infancia !
Peitos cheios de fel, turgidos de arrogancia
Fervam ! Arme-me o rei ciladas traiçoeiras !
Contra mim, rebentando, hostes, legiões inteiras,
Rujam ! Rugem em vão, que não lhes tenho medo !

Mas não me ameaces tu com teu pequeno dedo !»



INDICE

INDICE DAS POESIAS

PRIMEIRA PARTE

Viver! Eu sei que a alma chora.....	5
Homem, embora exasperado brades.....	7
Nirvana.....	9
Psychê.....	13
Imagem da Dor.....	15
Vana.....	19
Harmonias de uma Noite de Verão.....	21
A Selva do Leão.....	31
Meditações.....	33
Lubricus Anguis.....	47
Desilludido.....	49
Nua e Crua.....	53
Amen.....	55
Fetichismo.....	57
Deus Impassivel.....	59
Voe Victis.....	63
Dialogos.....	65
Green Spot.....	71
Odio e Amor.....	73
Pelago Invisivel.....	75
Hymno a Colera.....	77
Balsamo nos Prantos.....	81
Papeis Velhos.....	83
Juncto a esta cruz os ossos d'um asceta.....	87
A' Sombra da Morte.....	89
Verbo Libertador.....	93
Ondas.....	95

Amor Creador.....	99
Paz entre os homens.....	101
Cauchemar.....	103
Mazzeppa.....	105
Banzo.....	107
Horoscopo.....	109
Ultimo Porto.....	111

SEGUNDA PARTE

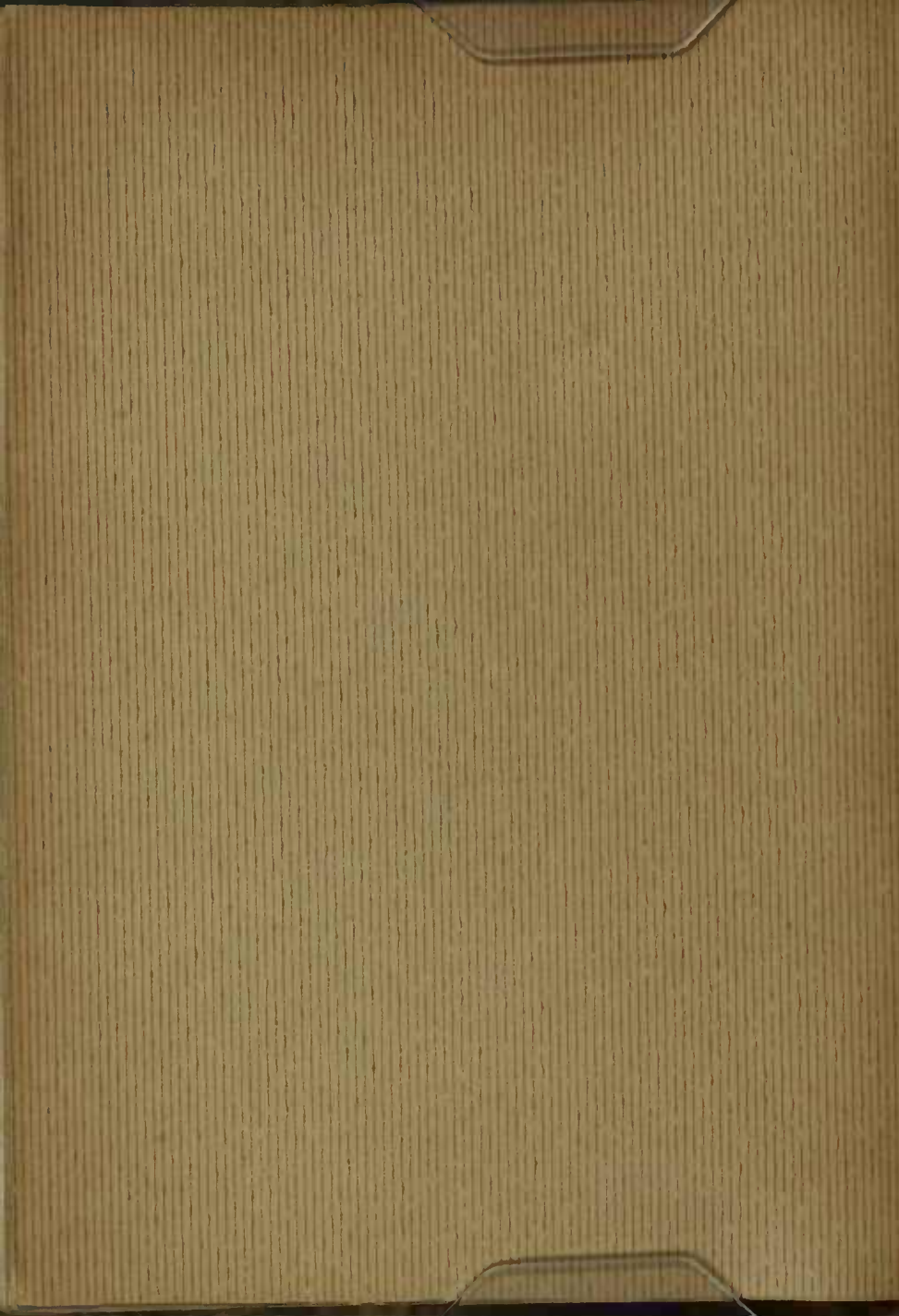
Cythera	117
Ode Parnasiana.....	119
Beijos do Céu.....	125
Missa da Ressurreição.....	127
A uma cantora.....	137
Nuvem Branca.....	139
Ixion.....	141
Conchita.....	143
Jessica.....	145
Zulmira	147
Anima Chloridis.....	149
Sonho Turco.....	151
No anniversario de um poeta.....	157
Sózinha	163
Primeiras Vigílias.....	165
A Flôr Azul.....	167
Vesper.....	169
Poema da Noite.....	171
Tristeza de Momo.....	173
Eviterno Amor.....	175
Dolores.....	177

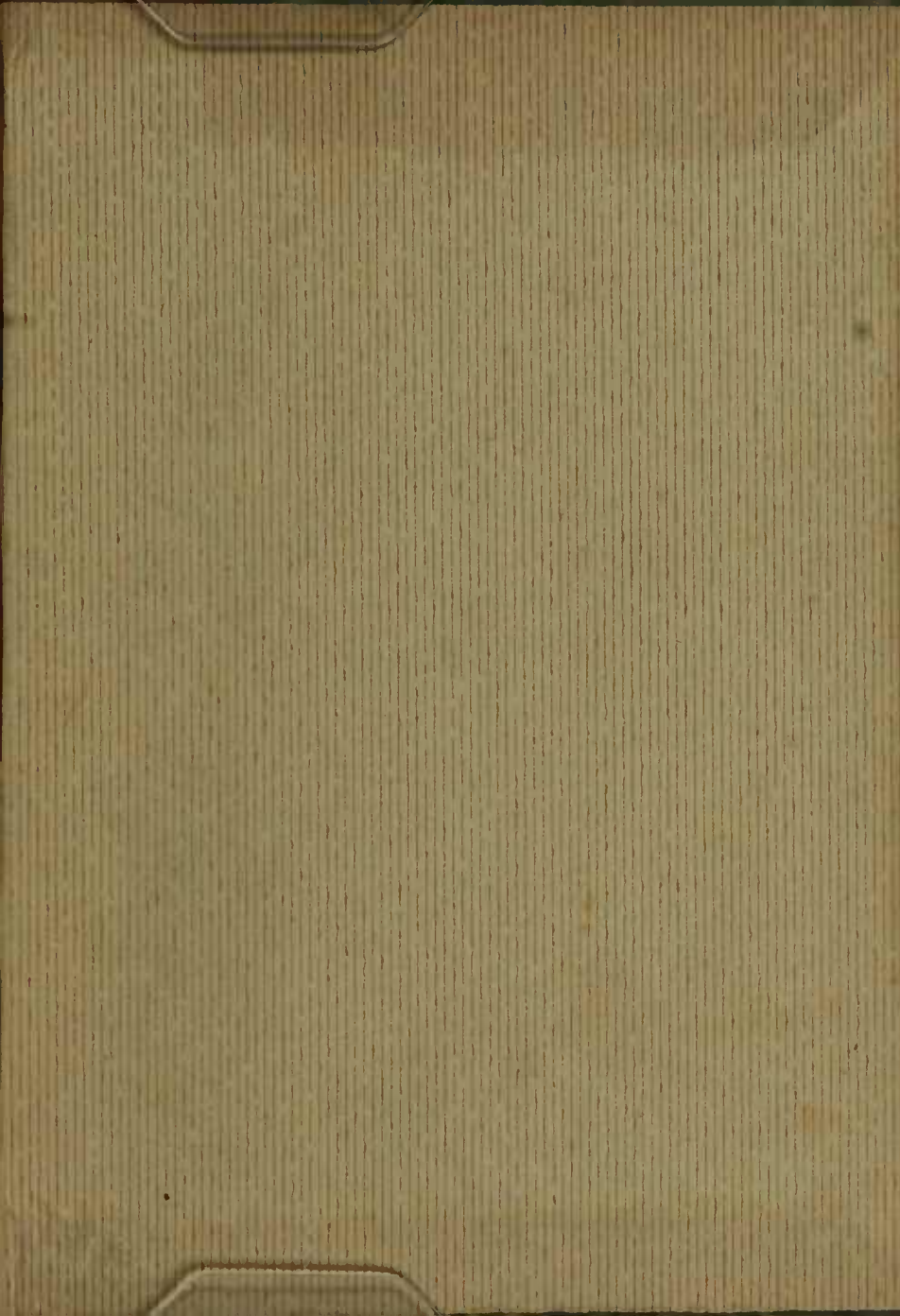
Philomela.....	179
Mofa e Despeito.....	183
Emissario dos Deuses.....	185
O Vento e o Tabellião.....	187
A Estatua de Jupiter.....	189
Victor Hugo	193
Epopéia do Leão.....	195

COMPANHIA EDITORA FLUMINENSE



RUA NOVA DO OUVIDOR, 29 e 29A - Rio de Janeiro







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).